

CRIATURAS ASSUSTADORAS

CONTOS E POEMAS DE TERROR



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-45409-3

2022

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO CONTO OU POEMA



- JOGADORES E DEVORADORES, POR FELIPE L. CAVALCANTE, PÁG. 05
A EXTINÇÃO, POR JESSE TURNER, PÁG. 09
ANTÔNIO MACAPÁ E O RASTEJADOR SOLUÇANTE, POR GILSON SALOMÃO
PESSÔA, PÁG. 13
VAMPIRO, POR ROSA DOS VENTOS, PÁG. 18
SEU CORAÇÃO SERÁ MEU!, POR JULIANA K. TAVARES, PÁG. 21
LENCÓIS - ESTAÇÃO, POR LIAH PEGO, PÁG. 27
EPITÁFIO, POR LUCAS FERREIRA CAMARGO, PÁG. 29
MATRIOSCA, POR LUCAS FERREIRA CAMARGO, PÁG. 31
O HOMEM DO ROSTO RALADO, POR LUCAS FERREIRA CAMARGO, PÁG. 36
CUIDADO COM O QUE VOCÊ DESEJA, POR MAICOL CRISTIAN, PÁG. 40
NO LIMAR DAS TREVAS, POR MAICOL CRISTIAN, PÁG. 44
CERVEJA, BIFE E BATATAS FRITAS, POR MAICOL CRISTIAN, PÁG. 48
BANQUETE DE NATAL, POR MARCELA FASSY, PÁG. 52
RITOS DE ANÁTEMA PRIMAL, POR NEY ALENCAR, PÁG. 56
A LÂMIA, POR NEY ALENCAR, PÁG. 60
A LENDA DO RIO DE OURO, POR NEY ALENCAR, PÁG. 65
MONSTRUOSIDADE INTERIOR, POR ROBERTO SCHIMA, PÁG. 71
NONATRIX - O PARTO DAS TREVAS, POR SANDRO ANDRADE E FABER, PÁG. 76
A CRIATURA SEM ALMA, POR THAME JONES, PÁG. 82
CRIATURAS EM MIM..., POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO, PÁG. 86
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 91

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

CRIATURAS ASSUSTADORAS





Apresentamos o poema

Jogadores e Devoradores

Por Felipe L. Cavalcante

SOBRE O AUTOR: ESCRITOR E POETA DE CONTOS DE FANTASIA E TERROR, NASCIDO EM MANAUS/AM, FORMADO EM LETRAS - LITERATURA PORTUGUESA, REDATOR CHEFE DO SITE CO-OP GEEKS, REDATOR-ASSISTENTE DA REVISTA ÉGUA LITERÁRIA, AUTOR DO CONTO "A DAMA NO BOSQUE" PELA NEWSLETTER FAÍSCA MAFAGAFO, DO CONTO "LUA, SANGUE E MEL" PUBLICADO NA ANTOLOGIA NÃO MORRE NO FINAL E DAS ANTOLOGIAS SINOS POR TODO LUGAR E NOITES SEM FIM, FÃ DE TOLKIEN, POE, STEPHEN KING E NEIL GAIMAN, MAS TAMBÉM DE AUTORES NACIONAIS COMO ASTRID CABRAL, JAN SANTOS, ARTHUR MALVAISCO E FELIPE CASTILHO.



Um headset de VR com fones de alta qualidade e luvas com sensores de toque
A promessa é de uma simulação inovadora
Nunca antes vista no mercado de games

Tímida, nervosa
Não sabe se irá aproveitar aquilo
Mas os amigos insistiram tanto
E disseram que ela devia descontrair e aproveitar a realidade virtual
Um jogo, apenas um jogo
Onde você pode ser quem você quiser

Todos estão na mesma sala
Com cadeiras confortáveis
Daquelas de jogadores profissionais
E cada um escolhe o seu lugar

Ela coloca as luvas sensoriais, os fones e, por fim, os óculos em seu rosto
Escuridão total, breu
O coração palpitando no peito
Não sabe o que esperar
Então, uma luz surge e se espalha...

O mundo nunca lhe pareceu tão real
Feito de mais do que bits ou de pixels
Ela nunca soube dizer
Um campo, uma floresta e um castelo
E as corujas e morcegos esvoaçando na noite

Ela gira em torno de si mesma
O mundo nunca lhe pareceu tão real
Olha ao redor
Não está sozinha

Então seus amigos tiram suas roupas
Nus, contra a noite e o luar
E derramam suas peles humanas
Dentes tornam-se afiados e as garras surgem
Os focinhos lupinos farejando o ar virtual da noite
E eles uivam para a lua

O seu coração palpita
Os dedos tamborilando nas luvas sensoriais
E ela sai correndo, correndo, correndo
O som de grunhidos vindos de trás
O brilho dos olhos vermelhos a perseguindo
Os uivos perfurando a noite...

Um jogo, apenas um jogo
Onde você pode ser quem você quiser
Então...
Leva a sua mão até às costas
E puxa pelo cabo de aço de uma espada com a lâmina feita de pura energia

Salta cinco metros acima do chão
E destrói um, dois, três de seus inimigos
Com golpes certos
Eles desmontam-se no chão
Feridos, derrotados
Mas, ainda assim, resta um deles
O monstro rosna para ela

Um jogo, apenas um jogo
Uma simulação
Simulacro da realidade, mas muito melhor
Onde você pode ser quem você quiser

Em seu âmago, um interior oculto
Uma fome, uma contração
"Pois, agora quero ser o monstro"
Sorri para o monstro e
Num salto, ela o agarra
Um grito de horror

E morde um pedaço dele e
Arranca a sua língua com os dentes
Depois, rasga o peito dele com as unhas
E tira dali o coração ainda quente
Engolindo-o em três pedaços
Então ruge para a noite

Tira as lentes de VR
Terminada a simulação
Tudo em silêncio, na sala escura
Então, ela olha para as suas próprias mãos
Os dedos manchados de vermelhidão...





Apresentamos o conto

A Extinção
Por Jesse Turner

SOBRE O AUTOR: JESSE TURNER, NASCEU EM MARTINÓPOLIS, SÃO PAULO, EM 5 DE MARÇO DE 1997. FORMOU-SE EM GEOGRAFIA AOS 21 ANOS, E ESCREVEU SEU PRIMEIRO CONTO NA INTERNET EM 2019. E É UM GRANDE FÃ DO TERROR, EM ESPECIAL STEPHEN KING.



O ano era 2030, e o mundo estava em guerra. Demônios, anjos e outras criaturas sobrenaturais andavam sobre a terra.

Kyle, um menino de 14 anos fugia pelo país, com seus pais e sua irmã mais nova; eles faziam apenas pequenas paradas para suas necessidades fisiológicas e abastecer suas mochilas com alimentos e água, para pelo menos mais 5 dias de longas caminhadas, pois o carro da família havia quebrado meses atrás, e todas as cidades, ruas, avenidas e estabelecimentos estavam totalmente desertos. Todos estavam indo para o norte do país, onde diziam estar livre de guerras e todas essas criaturas horríveis.

Após dois dias caminhando dentro de uma floresta, Kyle e sua família encontraram uma cabana; eles olharam em volta tentando ver pelas janelas quebradas o que havia lá dentro, porém não tiveram muito sucesso, pois já estava escurecendo e não se podia enxergar nada dentro da cabana escura e sem energia.

Estava ficando frio, eles então decidiram passar a noite nela. Entraram e se acomodaram. Mas o vento gelado estava passando pelas janelas quebradas e congelando todos lá dentro. O pai de Kyle então, decidiu sair para pegar lenha e acender a lareira que havia na sala da cabana.

Enquanto pegava alguns pedaços de tronco de madeira no meio da floresta escura, o pai de Kyle ouviu um uivo, e um rosnado horrível, e não era tão longe dele. Ele então pegou todos os troncos que conseguiu e correu de volta em direção a cabana onde estava sua família; ao chegar, ele viu a porta aberta, e mesmo assustado entrou, e se deparou com sua esposa e sua filha mortas no chão da sala, todas cobertas de sangue e com partes do corpo faltando.

O homem caiu de joelhos no chão, pegou sua filha morta e desmembrada em seus braços e chorava como um bebê, quando acordou durante a noite com cólicas.

Após passar horas deitado no chão da cabana chorando, ele se lembrou de que seu filho Kyle não estava ali, sentiu que ele poderia estar vivo, mas não sabia onde. Ele pegou sua mochila com alguns suplementos e foi em direção a porta, porém logo parou, olhou para os corpos de sua esposa e de sua filha, respirou fundo e pensou que antes de partir elas não mereciam ficar ali jogadas como se não fossem nada. Ele então as enterrou atrás da cabana, e saiu andando pela floresta no meio noite.

O dia estava quase amanhecendo, e o pai de Kyle já havia andado uns 14km, e se aproximava de uma pequena cidade que também estava deserta como todas as outras.

De longe ele avistou o que parecia ser uma mulher acenando para ele; com um pouco de receio ele foi se aproximando, até conseguir ver que se tratava de uma velha senhora simpática, porém com um sorriso sinistro em seu rosto.

Ele parou de frente a senhora, e antes que pudesse falar algo, ela disse:

— Ele está aqui! Com um largo sorriso, que ia de orelha a orelha.

Sem entender do que ou de quem ela está falando, o pai de Kyle perguntou quem estava ali. E a velha senhora deu uma resposta ainda mais estranha.

— Ele veio, ele está aqui para nos salvar!

Antes que o homem pudesse dizer algo, uma criatura que veio do céu, arrancou a cabeça daquela velha senhora simpática, porém maluca; e o sangue quente espirrou no rosto e nas roupas do pai de Kyle.

Assustado, ele correu o mais rápido que podia, até chegar à um prédio abandonado, e se escondeu lá dentro. Mas o lugar não estava tão abandonado quanto ele pensava. Ele ouviu vozes vindo dos andares de cima, e uma das vozes lhe era familiar; era a voz de seu filho.

Ele subiu rapidamente as escadas, porém com muita cautela para não fazer barulho e chamar atenção, pois ele não sabia quem estava na companhia de Kyle. Ele chegou até uma porta grande de ferro entreaberta, de onde achava que estava vindo o som.

Pela fresta da porta, ele conseguiu ver quem estava com seu filho, eram diversos demônios, de diversas horríveis formas, que o rodeavam; o homem apavorado, esbarrou na porta caindo para dentro da sala. Todos os demônios viraram-se para ele, e foram todos em sua direção para o matar, porém Kyle gritou para que parassem, pois era o seu pai que estava ali; imediatamente todos os demônios pararam e recuaram até o garoto.

O pai de Kyle se levantou assustado e perguntou ao seu filho o que estava acontecendo.

O menino se aproximou de seu pai, e disse:

— Papai, vai ficar tudo bem! Eu fui escolhido para salvar o mundo.

O homem sem entender, perguntou para o que ele foi escolhido, e quem disse isso a ele.

Kyle então logo respondeu.

— Eles me disseram papai! Eu vou acabar com todo esse caos.

— Filho, sua mãe e sua irmã estão mortas! Onde você estava quando isso aconteceu? Perguntou seu pai.

— Eu estava lá, eu vi tudo o que aconteceu! Respondeu Kyle.

— E você não fez nada? Questionou seu pai.

— Foi preciso. Elas tiveram que morrer para que eu pudesse viver e salvar o mundo. Afinal são apenas 2 vidas pelo resto da humanidade.

O pai de Kyle em choque com o que acabará de ouvir sair da boca de seu filho, foi se afastando lentamente e repetindo as frases "Você não é meu filho!" e "O que você fez com meu filho?"

Kyle agarrou a perna de seu pai e disse:

— Tem razão, eu não sou seu filho! Ele era fraco demais, mas eu precisava de um corpo, e ele me deixou entrar.

— Quem é você? Questionou o homem apavorado.

— Eu sou aquele que caiu do céu, e agora caminha sobre a terra! Respondeu o ser que agora habitava no corpo de seu filho.

Antes que o pai de Kyle pudesse dizer qualquer coisa, um demônio pulou em seu peito, arrancou seu coração e o entregou nas mãos do anticristo, que o devorou como um leão devora sua presa.

Ele e seus demônios então saíram do prédio e foram pelo mundo espalhando ainda mais o caos, o desespero e matando o que havia restado da humanidade.





Apresentamos o conto

Antônio Macapá e o Rastejador Soluçante

Por Gilson Salomão Pessôa

SOBRE O AUTOR: FORMADO EM JORNALISMO PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. COLUNISTA NA ÁREA DE CULTURA POP EM SITES COMO O SITE DA EDITORA PANÓPLIA ([HTTPS://WWW.EDITORAPANOPLIA.COM.BR](https://www.editorapanoplia.com.br)) E REVISTA K7 ([WWW.REVISTAK7.COM.BR](http://www.revistak7.com.br)), JÁ PUBLICOU DOIS LIVROS, UM DE PROSA E UM DE POESIA. ATUALMENTE TRABALHA COMO FUNCIONÁRIO PÚBLICO NA SECRETARIA DE CULTURA DE MATIAS BARBOSA, MINAS GERAIS.



Antônio Silveira Macapá cresceu na polícia seguindo o exemplo de seu pai, que sempre considerou um herói acima de quaisquer outros que tinha conhecido. Seu senso de justiça e ética inquestionável fez com que ele se tornasse uma figura respeitada e ao mesmo tempo detestável entre alguns colegas de trabalho que o invejavam ou eram corruptos e não queriam ser delatados por ele. Por isso seus desafetos ansiavam por se livrar dele o mais rápido possível.

Certo dia apareceu um velhinho revoltado na delegacia. Raiva e inconformismo transbordavam pelo seu corpo. Tremia dos pés à cabeça enquanto lágrimas desciam dos seus olhos.

— Mais uma vez ele atacou, e vocês não fazem nada!

— Quem? — perguntou Antônio indignado — quem está fazendo vítimas sem que eu saiba?

— O Rastejador Soluçante!

Todos no recinto começaram a rir, menos Macapá e o idoso, que ficou ainda mais nervoso.

— Qual é a graça? — perguntou o policial que não sabia o que estava acontecendo.

O delegado explicou:

— Você chegou aqui há pouco tempo. Trata-se de uma criatura do folclore local. Alguns dizem que já viram, mas é recomendado não levar esses relatos a sério. Trata-se de uma versão do Corpo Seco que supostamente mora num açude perto da Represa. Várias crianças nadam lá e morrem afogadas, mas seus corpos nunca voltam a aparecer porque o lodo prende os pés deles no leito.

— Você tem resposta para tudo, né? — retrucou o velhinho nervoso. — Pois eu te digo que eu já vi essa criatura. Está me chamando de mentiroso?

O chefe cético perguntou:

— Deixa-me adivinhar, você o viu à noite.

— Sim e o que isso tem a ver?

— E coincidentemente o senhor estava sem óculos;

— Como o senhor sabe que eu uso óculos?

— Um palpite que acabou de ser confirmado por você. Olha, com todo respeito, a gente tem muita coisa séria para investigar e não pode ficar deslocando força policial para ficar verificando crendices.

— Isso é um absurdo! — esbravejou o velhinho! — Nunca vi tamanha falta de respeito!

Foi então que um dos desafetos de Antônio gritou:

_Porque o Macapá não vai? Afinal ele é o mais dedicado.

O delegado não entendeu a princípio, mas depois percebeu que era a oportunidade de negociar uma certa propina sem o medo de ser interrompido e ao mesmo tempo se livrar do idoso sem o risco de ouvir uma reclamação na imprensa ou do prefeito.

— Antônio, por favor cuide desse caso para mim. Provavelmente não deve ser nada, mas pelo menos este senhor fica com a consciência aliviada, não é?

O ingênuo policial aceitou com um enorme sorriso e partiu em direção ao local, que na verdade era um mangue que rodeava o açude perto da Represa. Realmente as chances de uma criança morrer afogada naquelas proximidades era muito grande.

— Me conte de quando você avistou a criatura, disse Antônio.

— Bom, eu moro num sítio perto daqui e tava guardando as galinha no fim do dia quando ouvi um barulho estranho, como se alguém estivesse engasgando com água, só que muito alto. Fui correndo para ver o que era e enxerguei um bicho grande, encurvado em pé, com os óio esbugaiado procurando alguma coisa em volta, talvez pra comer. Ele tinha a pele toda escamosa e esverdeada igual qui nem uma cobra.

— O senhor viu ele de perto?

— E eu lá sô doido de chegar perto dessa coisa? O que você acha que é, espertão?

_Sinceramente eu não sei, mas vou precisar de ficar de tocaia para ver se encontro alguma coisa.

— Eu fico junto com você. Quero que você confirme na minha frente.

O idoso se chamava Idalino Marcondes e ele tinha uma humilde propriedade nas redondezas, onde criava galinhas, patos e tinha uma horta, o bastante para a própria subsistência. O policial começou a sentir que estava perdendo o seu tempo ali, mas não tinha coragem de desacreditar o idoso. Esperaram o dia passar conversando enquanto tomavam café com bolo de fubá. Quando começou a escurecer o velhinho foi guardar os bichos enquanto o outro vestiu suas botas de borracha e pegou sua lanterna para começar a ronda.

Caminhava devagar pelo mangue com um misto de curiosidade e medo de realmente encontrar alguma coisa. Provavelmente o idoso ouviu um sapo e se confundiu, era cientificamente improvável encontrar qualquer coisa que desafiasse o imaginário. Andou, andou e não viu nada. Estava quase indo embora quando ouviu um estranho grito gutural.

Uma mão encostou no seu ombro e ele acabou dando uma cotovelada no rosto de Idalino, que finalmente o tinha alcançado.

O velho caiu sentado no chão com o nariz sangrando. Quando percebeu o que tinha feito, Antônio se virou para ele e foi cuidar de seu nariz, enquanto pedia desculpas. Quando fez isso Idalino gritou:

— Olha lá, atrás de você!

O policial se virou e iluminou uma criatura humanóide com o corpo escamoso, se arrastando pelas duas pernas enquanto soltava um estranho guincho gutural, provavelmente tentando achar algum bicho para comer. Tinha os olhos esbugalhados como um sapo e os dedos palmados nas mãos. Sua cabeça tinha um formato estranho, meio achatada com grandes guelras no pescoço. Andava curvado, como se carregasse uma pedra gigante e invisível nas costas. Não parecia agressivo, então o mais certo era apenas bater uma foto e ir embora, mas Idalino queria vingança, mesmo sem saber se aquilo tinha realmente devorado as crianças desaparecidas.

— Vem encarar, filho da puta! — Gritou ele encolerizado! — Hoje você vai morrer, disgrama!

Antônio sentiu todo o seu corpo tremer. Não estava esperando um confronto tão repentino. Não era impulsivo. Preferia estudar o adversário e depois elaborar um plano de ataque. Depois de avistado, a criatura soltou um guincho bastante alto com a boca aberta, onde pela primeira vez foi possível avistar duas enormes fileiras de dentes, que não eram grandes, mas pareciam bastante afiados como milhares de agulhas.

O bicho veio correndo na direção deles e a única reação de Antônio foi descarregar o revólver nele, que ainda conseguiu desferir uma dentada no braço dele antes de morrer. O que quer que fosse aquilo afundou no mangue, antes que tivesse a oportunidade de ser estudado. Estava escuro e o policial ainda precisava passar no hospital, antes de terminar o dia.

— Ninguém vai acreditar na gente, não é? — Perguntou o velho.

— Não, e nem sei se essa mordida é contagiosa. Será que eu tenho chances de virar um bicho desses?

— Se isso acontecer, pode ficar tranquilo que eu te mato.

— Ah bom saber que posso contar com a sua ajuda! Valeu mesmo! — respondeu ironicamente Antônio.

— É o mínimo que posso fazer por um amigo.

O policial preferiu não estender a conversa e dirigiu até o hospital. Enquanto isso pensava se as crianças tinham sido mortas ou não por aquela criatura. Era provável, mas não podia ser confirmado, então ele preferiu deixar arquivado como boato mesmo.





Apresentamos o poema

Vampiro

Por Rosa dos Ventos

SOBRE A AUTORA: NASCIDA EM SANTO ANDRÉ-SP, CANCERIANA APAIXONADA, ESCREVE DESDE CRIANÇA.

LIVRO DE POESIAS PUBLICADO EM 2021, E VÁRIAS PARTICIPAÇÕES EM ANTOLOGIAS POÉTICAS, CONTOS E CRÔNICAS.



Com sede e vontade de causar morte
Uma figura horripilante andava na noite
Esperando que alguém tivesse a sorte
De cruzar seu caminho seu açoite

Deveras anda com um espantalho
Não mais se sente um viajante
A duzentos anos encontrou atalho
Para esse imortal mundo errante

Nunca mais viu o sol nem amores
Já foi feliz e humano a muito tempo
Agora só espalha no mundo seus horrores
Não sente, não lhe incomoda o movimento

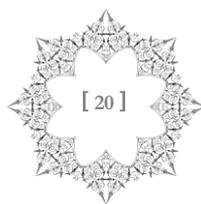
Na noite humanos riem e se amam
Parecem colorir a vida na noite escura
Tem inveja dos mortais que se apaixonam
Enquanto vive só no infinito sem cura

Então chegado o fatídico momento
Uma jovem, perdida vendendo o corpo
Foi fácil atraí-la com o pensamento
E seu sangue era doce, como licor num copo

Depois de morta parecia tão bela
Um ser tão frágil que não merecia morrer
Mas para ele era apenas uma triste donzela
Que agora estava em paz não tinha por que viver

Maldito o chamavam a muitos e longos anos
E não mais sentia gosto de eterno ser
Um andarilho na noite em seus enganos
Um vampiro que não mais tinha prazer

Pelos becos e cantos escuros sem medos
Foi esperando o dia e o sol aparecer
Enfim teria paz e revelado o seu segredo
Sob a luz do sol queimou se deixou morrer.





Apresentamos o conto

Seu coração será meu!

Por Juliana K. Tavares

SOBRE A AUTORA: NASCEU NO ESTADO DE SANTA CATARINA, E FORMOU-SE EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA PELA UNIVALI. ELA PUBLICOU A SUA PRIMEIRA HISTÓRIA AUTORAL EM 2019 NA AMAZON.

A AUTORA ESCREVEU AS HISTÓRIAS: AMOR ALÉM DAS ESTRELAS!, NÃO ME ABANDONE!, CONTOS SOBRENATURAIS!, ENCONTRANDO UM NOVO AMOR!, MISS GALÁXIA E A ESCOLHA DO GUARDIÃO. SUAS OBRAS PODEM SER ENCONTRADAS TANTO NO FORMATO FÍSICO COMO DIGITAL.



Quando me tornei corretora de imóveis, eu nunca pensei que sacrificaria tantos finais de semana como ultimamente estou fazendo, nem no domingo consigo descansar, essa rotina está me cansando. No entanto, o dinheiro que ganho com as comissões das vendas dos imóveis vale esse sacrifício, e conforme vou me destacando aqui dentro, mais perto fico de virar sócia da imobiliária. Nova Iorque é uma cidade maravilhosa de se viver e também de se trabalhar com imóveis.

De repente batidas na porta do meu escritório me fazem focar novamente na realidade, que ultimamente estava estressante.

— Pode entrar!

— Você está muito ocupada Lily? — pediu minha chefe enquanto adentrava no local, fechava a porta e se acomodava na cadeira.

— Só um pouquinho, mas pode falar — incentivei já sabendo que devia ser algum cliente especial que ela queria que eu atendesse.

— Bem, agora a pouco atendi uma cliente que veio até nós para vender a propriedade que ela herdou — Mary fez uma pausa para continuar, fato que me deixou impaciente e me fez interrompê-la, pois quando ela começava a falar não parava mais e isso era cansativo.

— Deixe-me adivinhar... a cliente pediu para que nós avaliemos esse imóvel para ver quanto custa, porém ele fica em outra cidade. Então, como ninguém pode viajar no final de semana, eu fui escolhida para fazer esse serviço. Seria isso? — perguntei entediada, porque quase sempre algo daquele tipo sobrava para mim.

— Realmente, é bem isso mesmo. Você sabe que vai ser recompensada por essa dedicação não é? Só posso contar contigo quando surge alguma coisa assim.

— Sim, eu sei! Onde fica essa propriedade? — anuí com um meio sorriso com o intuito de deixar o clima mais descontraído.

— A casa fica na cidade de Townshine, numa área rural — ela me respondeu receosa, pois sabia que eu não gostava de estradas desertas e muito menos de terra batida, porque era terrível quando chovia. Não tive boas experiências no passado com isso, no entanto, eu não posso recusar esse pedido, preciso mostrar que sou eficiente.

— Não tem problema, Mary! Trabalho é trabalho, por mais terrível que possa parecer, precisamos enfrentar os nossos demônios interiores. Na próxima vez mande o Brian para fazer isso, ele parece bem disposto e não recusaria uma ordem sua — sugeri enquanto arrumava a papelada de cima da minha mesa.

— Infelizmente, ele ainda é um novato aqui na empresa, quem sabe mais para frente.

— Está bem, já entendi! Agora preciso ir para casa, arrumar algumas coisas para sair amanhã bem cedo para Townshine.

— Veja pelo lado bom, pelo menos você não vai precisar vir sábado trabalhar aqui na imobiliária, vai passear e conhecer um lugar novo. Boa viagem e aproveite! A propósito te mandei o endereço do local certinho por e-mail. E outra coisa, a senhora que veio aqui pediu para que você pegasse um pequeno baú de cor esverdeada que está no porão e o trouxesse consigo, parece que tem pertences importantes da avó dela lá.

— Certo! – murmurei pensativa antes de levantar da cadeira e pegar minha bolsa e caminhar junto com minha chefe para fora da sala.

No dia seguinte, a viagem até Townshine demorou exatamente duas horas, logo que cheguei à cidade pude confirmar o que tinha lido na internet na noite anterior. A maioria dos habitantes eram fazendeiros, trabalhadores rurais e empregados de uma grande fábrica de tecidos. As fachadas das casas possuíam um charme especial, pois pareciam ter saído de um filme dos anos 70, contrastando com os poucos prédios novos distribuídos pelas avenidas principais. Para a minha grande surpresa, os moradores me receberam muito bem, eles eram simpáticos e prontamente me deram algumas informações a respeito da propriedade que eu iria avaliar.

O café da manhã na única lanchonete com decoração retrô da cidade foi agradável, a torta de maçã que saboreei estava uma delícia, lembrava a da minha falecida avó, fato que me trouxe uma gostosa nostalgia. Após pagar a conta do pequeno lanche, atravessei a rua e entrei no meu carro para seguir em direção a casa assustadora, foi assim que algumas senhorinhas descreveram o tal lugar que agora eu visitaria.

Assim que parei o automóvel em frente a casa esverdeada de madeira, que possuía dois pavimentos, um arrepio gélido me subiu de imediato pela coluna. Porém, eu não podia me entregar aquele sentimento de medo, por mais que algo me dissesse para ir embora, não era o certo a fazer. Então respirei fundo e fiquei encarando o casarão por um breve momento, até que peguei minha mochila e resolvi descer do veículo

— Só posso contar com minha coragem numa hora dessas — murmurei antes de caminhar em direção a pequena escadaria de madeira desgastada e subir cuidadosamente, pois a madeira pareceu estar um pouco podre. Na pequena varanda, conforme eu caminhava o barulho de pequenos estalos e rangidos podiam ser ouvidos. Foi

difícil de abrir a porta de entrada, porque ela estava emperrada, tive que colocar força para abri-la. Quando finalmente criei coragem para adentrar na residência ouvi atrás de mim um pigarreio, que me fez quase ter um infarto de tanto que meu coração bateu rápido. De maneira instintiva levei a mão ao peito e me virei para entrada da propriedade, onde estava o meu carro.

— Bom dia, senhorita! Minha fazenda fica aqui ao lado e eu me chamo Harry, espero não estar incomodando – ele apontou em direção a uma enorme mansão de pedra que dava de ver de longe.

— Bom dia, Harry! Sou a Lily. Posso ajudá-lo de alguma maneira? — perguntei mais calma ao ver que se tratava apenas de um homem real e não uma aparição de outro mundo.

— Você é parente da falecida proprietária desse imóvel?

— Não! Eu sou apenas uma corretora de imóveis que veio fazer uma avaliação do local para a venda – respondi sem rodeios, ao mesmo tempo que observei algo estranho, os olhos do homem a minha frente ligeiramente ficaram avermelhados quando dei aquela informação a ele. Fato que me fez fechar meus olhos e esfregá-los, para depois o encarar novamente.

— Cansada, Lily? — Harry me encarou debochado.

— Sim, um pouco... — falei de maneira cautelosa, pois estava confusa a respeito do que tinha visto, se era real ou fruto da minha imaginação.

— Então, eu acho que você deveria pousar num hotel da cidade antes de voltar para a sua cidade ou pode quem sabe ficar na minha mansão.

— Não, eu estou bem, não pretendo ficar aqui, mas obrigado pelo convite.

— Você que sabe. A propósito, eu estou interessado em comprar essa propriedade que você está avaliando. Não importa o preço, eu pago — as palavras dele eram firmes, quase hipnóticas. Harry me encarava como um predador que estava prestes a devorar sua vítima.

— Ótimo! Você mora em que cidade? Vou te dar o meu cartão, eu sou de Nova Iorque — gesticulei contente e desci os degraus e me aproximei dele ignorando todos os alertas da minha cabeça que pediam para ter cuidado. Então sem delongas entreguei o cartão, que ele olhou de maneira meticulosa.

— Humm, Lily Mary Hoping, prazer! Eu sou Harry Justing Smith, presidente da empresa Lambers Softy Sea e moro em São Francisco – aquele belo homem de olhos verdes apertou minha mão de maneira delicada e deu uma piscadela.

— Nossa, é muito longe daqui. Você vem com frequência visitar a sua fazenda?

— Costumo vir uma vez por mês, fico dois dias e volto para a agitação de São Francisco. Gosto daqui, porque é quieto e posso fazer o que quiser sem medo de ser fotografado.

— Foi um prazer conhecê-lo, espero que possamos nos ver em breve! Agora preciso fazer o meu trabalho.

— Prometo que te procuro em breve ruivinha — ele sorriu antes de caminhar para fora da propriedade e entrar em sua camionete e dar a partida saindo dali.

Após a conversa estranha que tive com o vizinho, eu entrei na casa e fui fazer o meu trabalho. Demorei exatamente três horas para vasculhar o local, que pareceu estar abandonado um bom tempo, deduzi isso pelas teias de aranhas nos cantos das paredes e pela grossa poeira nos móveis. Minha rinite já estava atacada só por entrar naquela casa. Deixei para olhar o porão por último, pois precisava pegar o baú da antiga proprietária, ao descer a escadaria de madeira que levava ao piso inferior senti um ar gélido, e ao tocar o pé no piso, um arrepio tomou conta do meu corpo. Tateei a parede com o intuito de achar uma tomada que acedesse a luz, para minha sorte logo a encontrei e o local foi iluminado. Para a minha sorte, o baú esverdeado estava a poucos passos da onde eu estava, então caminhei rapidamente e o peguei, era meio pesadinho, porém eu aguentava. Quando eu estava quase chegando ao topo da escada, algo agarrou o meu pé, me fazendo tropeçar e deixar cair o baú no chão, revelando o que tinha no seu interior. Assustada, eu olhei para trás e o que visualizei... me fez gelar os ossos, pareceu que eu estava num filme de terror, uma criatura pálida e bestial rosnava para mim e balbuciava algumas palavras.

— Devolva... as... coisas... da mestra... ele vai roubar na hora que você sair daqui... não posso deixar você sair daqui com isso...

Apavorada e morta de medo, em total desespero eu sai correndo deixando todo o conteúdo do tal baú para trás. Quando me dei conta já estava perto do meu carro, custei a abrir a porta por conta da minha mão que tremia.

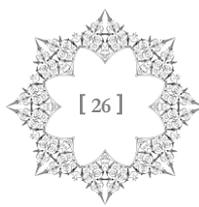
— O que foi aquilo? Será que é real? Não quero descobrir — murmurei baixinho após me acalmar e conseguir entrar no veículo, porém antes de ligá-lo, olhei pelo espelho retrovisor e meu coração quase parou, então me virei rapidamente em direção ao banco traseiro e o encarei.

— Olá, Lily! Pensei que você conseguiria trazer aquele baú para cá, mas vejo que falhou – o sorriso sádico que ele esboçava na face, o deixava tenebroso, assim como o par de olhos vermelhos.

— O que... que... é você? O que você... quer? — sussurrei num fio de voz enquanto a criatura se aproximava de mim.

— Sou um devorador de corações... e o que eu quero? Não é óbvio? Hahahahaha — ele gargalhou antes de avançar sobre mim.

— AAAAAaaaah!





Apresentamos o poema

Lençóis – Estação

Por Liah Pego

SOBRE A AUTORA: 57 ANOS, 3 FILHOS, PEDAGOGA, PÓS GRADUADA EM GESTÃO, ESCRITORA E POETA. ATUOU NO ENSINO PÚBLICO POR MAIS DE 30 ANOS. OS ÚLTIMOS TRABALHOS FORAM REALIZADOS NA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA, ONDE APOSENTOU-SE.

PUBLICOU SUA PRIMEIRA OBRA DE LITERATURA INFANTIL, BABYS E O LOBO, QUE FAZ PARTE DE UMA COLEÇÃO, AS BABYS AVENTUREIRAS, COMPOSTA POR 6 CONTOS, PORÉM, SÓ UM EXEMPLAR PUBLICADO ATÉ O PRESENTE MOMENTO. NO MOMENTO ESTÁ AVENTURANDO- SE NO CAMPO POÉTICO.



Não sei se é sonho ou pesadelo
Ressurgem das águas turvas do mar
Criaturas horrendas e indescritíveis
Prontas para me atacar

Nado até o fundo
Me escondo por entre os corais
Seus olhos ofuscam os meus
Me vejo envolto aos lençóis

Já não sei mais quem sou
Será que faço parte desse mundo macabro?
Pergunto-me em silêncio e espero
Receio assustar a besta fera

Seus braços parecem esmagar-me
Suas bocas querem me devorar
Não tenho para onde correr
As pernas paralisadas, não consigo nadar

Grito e não ouço gritar
Tudo é sombrio e assustador
O sobrenatural que insiste permanecer em mim
Não tem vida, imagem e cor

Pensamentos negativos me assolam
É mais um dia de tormenta
Penso não ter solução
No caminhar da vida
Adormeço na estação.





Apresentamos o conto

Epitáfio

Por Lucas Ferreira Camargo

SOBRE O AUTOR: TEM 28 ANOS E ATUALMENTE TRABALHA COMO ENGENHEIRO DE CAMPO EM UMA MULTINACIONAL DO SEGMENTO MÉDICO-HOSPITALAR. É CASADO COM ISABELA FERNANDA E É PAI DE DOIS FILHOS LINDOS, JOAQUIM (4) E CALEBE (2). É APAIXONADO POR LIVROS, CONTOS DE TERROR, POESIA E CORRIDA DE RUA. AMA ESCREVER E SONHA EM PUBLICAR UM LIVRO (EM ANDAMENTO) COM AS MEMÓRIAS DE SEUS AVÓS SOBRE CRIATURAS SOBRENATURAIS QUE AVISTARAM ENQUANTO VIVIAM EM SÍTIOS ISOLADOS DO INTERIOR DE SÃO PAULO.



Existe uma lápide contendo um epitáfio singular no cemitério de Santa Luzia, uma vila a 18km de José Bonifácio, interior de São Paulo. A lápide é antiga, branca e velha. Fede a estrume e terra molhada. Nela, escrita com o que parece ser carvão, é possível ler uma mensagem simples, mas perturbadora.

“O melhor whisky que tomei na vida foi no bar do Canoas no inverno de 1957.”

Filipe Pian.

Nascido em 1986.

Morto em 2020.

A mensagem está lá e nem mesmo a chuva consegue apagar.

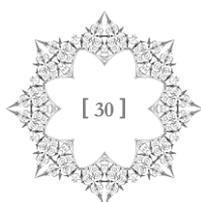
Ali está enterrado um homem que viveu em 1957, mas que só viria a nascer 29 anos depois. Como isso é possível?

Eu bem que queria contar essa história, mas não posso. Pelo menos não por aqui. “Eles” não permitem que eu fale ou escreva sobre isso.

Aliás, enquanto escrevo essas linhas, já posso vê-los no canavial e em cima de alguns postes me encarando. São aberrações e não são desse mundo. Atuam como uma espécie de guardião do tempo ou da história ou de alguma baboseira dessas. Todas as vezes em que toco nesse assunto, esses bichos aparecem e rodeiam a minha casa. Alguns ficam no telhado assobiando como se tentassem me lembrar que tenho que calar a minha boca e a minha mão. Não estou louco, pois a minha esposa também os vê e os escuta.

Vou parar agora!

Começaram a assobiar





Apresentamos o conto

Matriosca

Por Lucas Ferreira Camargo

SOBRE O AUTOR: TEM 28 ANOS E ATUALMENTE TRABALHA COMO ENGENHEIRO DE CAMPO EM UMA MULTINACIONAL DO SEGMENTO MÉDICO-HOSPITALAR. É CASADO COM ISABELA FERNANDA E É PAI DE DOIS FILHOS LINDOS, JOAQUIM (4) E CALEBE (2). É APAIXONADO POR LIVROS, CONTOS DE TERROR, POESIA E CORRIDA DE RUA. AMA ESCREVER E SONHA EM PUBLICAR UM LIVRO (EM ANDAMENTO) COM AS MEMÓRIAS DE SEUS AVÓS SOBRE CRIATURAS SOBRENATURAIS QUE AVISTARAM ENQUANTO VIVIAM EM SÍTIOS ISOLADOS DO INTERIOR DE SÃO PAULO.



No tribunal. Dias atuais.

Prisão perpétua! Tenho nojo de sua insensibilidade e crueldade além da compreensão humana. Podem levá-lo!

— Sentenciou o juiz, Filipe Pian, assim que golpeou o púlpito com seu martelinho de madeira.

Filipe estava satisfeito com esse desfecho. Havia tirado mais um verme maldito das ruas de São Paulo. Um assassino em série sem alma. Sabia que o advogado de defesa do *safado*, apelaria para algum tipo de doença mental, mas dupla personalidade?! *Cara, era de mais!* Não aceitaria isso.

Enquanto isso, o réu de 44 anos, Charles Bell, até então, um cirurgião renomado, estava de pé, com a cabeça erguida e com um olhar vazio. Seu rosto sugeria que seus pensamentos estavam longe dali. Parecia... aéreo. Distante.

Como vim parar aqui? Pensava Charles consigo mesmo.

Charles Bell foi condenado pelo assassinato de quatro pessoas. Pela morte grotesca de uma senhora de 73 anos, Rute. Pelo assassinato, igualmente bizarro, da jovem de 22 anos que se chamava Bruna. E pelas mortes de Luciana Pedotto, 35 anos e seu filho Enzo, um garotinho de apenas 12 anos de idade.

Todas as mortes mostraram um grau de perversidade demoníacas, mas com *modus operandi* aleatórios. Contudo, havia algo em comum nas cenas dos crimes. Uma palavra, escrita com batom vermelho. A palavra era: *Matriosca*.

Uma semana antes do tribunal.

Estou parecendo aquela criatura... Qual o nome daquele alienígena com cabelo ruivo? Pennywise? Venom de peruca?

Belinha ria em voz alta, enquanto se encarava no espelho. Sua imagem era medonha. O cabelo ruivo com sangue seco nas laterais fedia a cobre enferrujado. Estava com batom vermelho que combinava com o vestido. E as vezes cobria os seus olhos com os dois globos oculares, cor de mel, que havia arrancado da moça no posto de gasolina.

Do seu lado, em uma cadeirinha de balanço, estava o cadáver empalhado de um garotinho.

Duas semanas antes do tribunal.

Toda menina precisa de uma boneca. Mamãe falava isso todas as vezes que tia Patty aparecia em casa. E esse garotinho será minha boneca. E aquele vestido é exatamente o que estou procurando.

Pensou Belinha, enquanto observava o menininho andando de bicicleta no parque, enquanto uma mulher alta com vestido vermelho, mexia no celular. Era de noite, estava escuro, o parque estava vazio e já não passava carros por aquelas ruas a pelo menos trinta minutos.

Belinha não pensou duas vezes, pegou sua arma calibre .22 com silenciador, se aproximou da mulher e disparou duas vezes no alto de sua cabeça. O crânio da mulher explodiu. *Pluc!* O som de uma melancia se rachando ao meio quando toca o chão. Um som molhado e vermelho. O garotinho tentou gritar, mas aparentemente o medo o engasgou. Belinha se aproximou e disparou duas vezes no peito do garoto. *Não queria estragar o rosto de sua bonequinha.* Arrastou o menino até o carro e jogou o corpo no banco de trás. Foi até o cadáver da mulher e lhe arrancou o vestido vermelho, deixando-a só de calcinha e sutiã.

Belinha então tira o batom vermelho que carrega em sua bolsa e escreve na barriga da mulher: *Matriosca.*

Quando chega em casa, ela sabe o que fazer. Empalhar o garoto é a parte mais fácil. Dar um nome a ele é a parte mais difícil.

Três semanas antes do tribunal.

Eu quero aqueles olhos caramelados. Mamãe ia gostar deles.

Belinha sabia que teria pouco tempo para executar seu plano. Matar seria fácil, o procedimento cirúrgico também, mas precisaria de tempo e isso ela sabia que não tinha. Portanto, precisaria ser rápida.

Esperou a jovem entrar no banheiro do posto de gasolina. Havia muitos carros nas ruas e pessoas nas calçadas, mas ninguém olhava para os lados. Simplesmente seguiam em frente, num ritmo frenético.

Assim que a jovem entrou, Belinha foi atrás. Contou com um pouco de sorte, pois só havia a jovem dentro do banheiro. Ao entrar, trancou a porta, pegou a seringa, contendo um

líquido branco leitoso (Propofol), e injetou no braço da garota, que até tentou dar um gritinho, mas nada saiu. O anestésico fez efeito rápido.

Belinha pegou seus materiais, lâminas, um pano branco e o afastador. E arrancou os olhos da garota, primeiro o esquerdo e depois o direito. Tudo muito rápido e limpo. Tirou o batom e escreveu no espelho a sua palavrinha mágica.

Quatro semanas antes do tribunal.

— Esse cabelo é lindo. Mamãe ia adorar. Ela amava ruivo. Vou arrancar seu cabelo, senhora, me desculpa, mas preciso dele.

Foi o que Belinha disse para a senhora idosa, antes de golpeá-la na cabeça com um tijolo. A velha caiu morta. Belinha, foi rápida. Escalpelou a senhorinha. Belinha estava com luvas, mas sentia o sangue quente escorrendo por suas mãos.

Cinco semanas antes do tribunal.

Charles Bell escuta a música de Noel Rosa na rádio.

Com que roupa que eu vou. Pro samba que você me convidou.

Tudo fica *embaralhado* na sua cabeça.

31 anos antes do tribunal.

Aos 13 anos, sua mãe o matriculou num curso de taxidermia. Tão logo, ele estava matando passarinhos e esquilos para empalhá-los. Sua mãe, o ajudava. Ela cortava a pele e retirava os órgãos. E ele era o responsável por arrancar os olhos.

Jesus Cristo de chapéu! Eu sou bom nisso. Pensava Charles.

40 anos antes do tribunal.

Charles sempre amou sua mãe, mas mesmo com apenas 4 anos de idade, nunca entendeu a razão daquilo. Todas as vezes que sua tia Patty aparecia em casa, mamãe o vestia com roupas femininas. O maquiava, passava-lhe um batom ridículo, colocava-lhe

uma peruca ruiva e o forçava a agir como uma garotinha. Ela o chamava de Belinha. Dizia que dentro dele havia uma mocinha querendo sair. Como uma boneca russa.

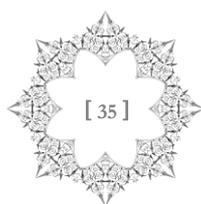
Uma dentro da outra. Uma matriosca.

Belinha, que lindos olhos caramelados você tem! Dizia mamãe enquanto apertava-lhe as bochechas. Tia Patty gargalhava como uma hiena.

Ao fundo, tocava uma música.

Com que roupa que eu vou. Pro samba que você me convidou.

Afinal, era carnaval.





Apresentamos o conto

Ó homem do rosto ralado

Por Lucas Ferreira Camargo

SOBRE O AUTOR: TEM 28 ANOS E ATUALMENTE TRABALHA COMO ENGENHEIRO DE CAMPO EM UMA MULTINACIONAL DO SEGMENTO MÉDICO-HOSPITALAR. É CASADO COM ISABELA FERNANDA E É PAI DE DOIS FILHOS LINDOS, JOAQUIM (4) E CALEBE (2). É APAIXONADO POR LIVROS, CONTOS DE TERROR, POESIA E CORRIDA DE RUA. AMA ESCREVER E SONHA EM PUBLICAR UM LIVRO (EM ANDAMENTO) COM AS MEMÓRIAS DE SEUS AVÓS SOBRE CRIATURAS SOBRENATURAIS QUE AVISTARAM ENQUANTO VIVIAM EM SÍTIOS ISOLADOS DO INTERIOR DE SÃO PAULO.



Essa é a oportunidade perfeita para eu poder falar abertamente sobre a tragédia que marcou a história de vida do meu avô, Delmino Rosa. É perfeita porque cada palavra escrita aqui, será classificada apenas como fantasia barata para agradar ao leitor e não como uma verdade banhada a sangue e cheirando a nozes de Natal. E quer saber... é melhor assim.

O massacre que ocorreu na véspera de Natal de 1958 permanece fresco na memória dos pouco mais de 45 mil habitantes da pequena cidade de José Bonifácio, interior de São Paulo. Muitos leram essa história nos jornais poeirentos da Biblioteca Municipal. Manchetes com títulos sensacionalistas como “O massacre no Pantaninho”, “O milagre de Natal” ou o meu preferido, “O menino que sobreviveu”. Quanto a mim, ouvi essa história diretamente do único sobrevivente daquele massacre, o meu avô.

A história que todos conhecem é a que na véspera de Natal de 1958, um maníaco invadiu uma casa num sítio qualquer da região do Pantaninho e com tiros de garrucha assassinou os pais de um garotinho. Depois jogou fogo nos corpos e incendiou a casa, celeiro e então desapareceu. O garotinho foi encontrado inconsciente sobre um monte de feno bem ao lado do celeiro em chamas. Poucos sabem, entretanto, que a autópsia revelou que o *monstro* assassino, retirou alguns órgãos de ambos os cadáveres antes de queimá-los. O assassino nunca foi encontrado e as investigações foram encerradas sem muitas respostas.

Essa mesma história é muito mais macabra sob o ponto de vista do meu avô, mas ela nunca foi divulgada. Afinal, na época ele era um garotinho com doze anos e rotularam o seu depoimento como fruto de uma imaginação fértil ou palavras de uma criança traumatizada. Vou contar o que ele viu.

Segundo meu avô, tudo aconteceu muito rápido. Ele se recorda que era noite e que estava em seu quarto quando ouviu os disparos, como estampidos seguidos de gritos na cozinha. Ouviu também o seu pai gritar algo ininteligível. Foi até a porta do quarto, se esgueirou e viu seus pais caídos no chão e um homem segurando uma arma. O homem vestia roupas vermelhas esfarrapadas e o seu rosto era deformado como se tivesse sido ralado no asfalto. Não tinha orelhas e a metade da cartilagem do nariz estava ausente. O homem estava sorrindo. Não foram os gritos, a arma ou a visão dos pais caídos no chão, mas sim aquele maldito sorriso de canto da boca que fez meu avô pular a janela do quarto. Ele conta que ficou encostado na parede, quieto e todo mijado.

Permaneceu assim por um tempo até que sentiu um cheiro de carne frita. Ele se recorda de espiar pela janela e ver as chamas no interior da casa e se lembra do calor insuportável que emanava das paredes. Sabia que o cheiro de carne queimada era dos corpos de seus pais que estavam sendo carbonizados.

Meu avô conta que o calor o obrigou a sair dali para se esconder no celeiro. Ele se lembra de que enquanto corria até lá, teve a forte sensação de que o homem do rosto ralado o agarraria e o mataria ali mesmo. Por sorte conseguiu atravessar o quintal, abrir a porta e subir até a parte mais alta do galpão onde se escondeu atrás de um saco de café. De onde estava conseguia ver a parte de baixo do celeiro, bem onde ficavam o cavalo e o potrinho da família. Foi dali que ele viu aquele rosto ralado pela última vez, só que mais nitidamente.

O homem segurava um galão e um saco vermelho. Do saco escorria um líquido espesso e escuro que pingava no chão. Também foi possível ver dali de cima, que o homem tinha dois chifrezinhos que despontavam do alto da cabeça. Meu avô conta que essa visão o fez sentir tanto medo que foi difícil não gritar. Dali, ele viu o maníaco colocar o saco no chão, abrir o galão e despejar gasolina nas costas dos cavalos e então atear fogo. Depois o *desgraçado* pegou o saco e saiu.

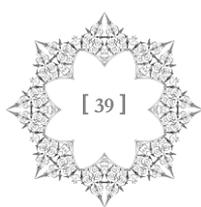
Meu avô se lembra do potrinho pulando, relinchando e distribuindo coices na tentativa de apagar as chamas. Viu bolhas surgindo e estourando nas costas dos pobres animais que defecaram de dor. O cheiro de café queimado, borracha derretida e o fedor de fazes com carne carbonizada tomou o celeiro. Meu avô conta que vomitou e que foi nesse momento que sua memória falha. Ele só se lembra de tentar abrir a janela, do calor, dos gritos dos cavalos e de ver lá fora, no meio do mato, a silhueta de um homem carregando um saco. Depois, apenas escuridão.

O que aconteceu depois é o que todos que conhecem a história já sabem. Meu avô pulou através da janela do celeiro e caiu no montão de feno. A queda de aproximadamente oito metros o teria matado, mas por causa do feno, só quebrou o tornozelo e ficou com cicatrizes nas mãos por causa do vidro. O fogo atraiu os moradores de sítios vizinhos que tiraram meu avô de perto do galpão em chamas. Meu avô sobreviveu ao massacre, incêndio, a queda e ainda escapou de ser assado vivo enquanto inconsciente.

Ele nunca mais viu o homem do rosto ralado. Para meu avô, o Natal não é o dia em que Cristo nasceu, mas o dia em que seus pais foram assassinados. Diferente do menino Jesus, ele não recebeu a visita dos três reis magos, mas do próprio diabo.

Segundo ele, o papai Noel só usa gorro para esconder os chifres assim como veste roupas vermelhas para disfarçar o sangue. E que se as intenções dele fossem realmente boas, então ele entraria pela porta da frente e não por buracos sujos e estreitos.

Sim, vô! Agora eles sabem que o papai Noel que te visitou, também vestia vermelho, mas não era brinquedos que ele carregava dentro do saco. E o rosto dele... era todo ralado.





Apresentamos o conto

Cuidado com o que você deseja

Por Maicol Cristian

SOBRE O AUTOR: NASCEU EM PALMEIRA DAS MISSÕES (RS), EM 1976. FORMADO EM ADMINISTRAÇÃO, COM ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESTRATÉGICA E CONTROLADORIA, RESIDE EM CURITIBA (PR) DESDE 2005. BANCÁRIO, GUITARRISTA AMADOR, FÃ DE LITERATURA POLICIAL, TERROR, FICÇÃO CIENTÍFICA E HQS. COMEÇOU A ESCREVER FICÇÃO EM MARÇO DE 2022.



Um belo prato de macarrão e uma taça de vinho. É nisso que eu penso às onze e meia nesta fria manhã de inverno quando batem à porta. Armani. Detetive Particular. Diz o letreiro fixado nela.

Levanto e abro-a. O que encontro altera rapidamente o foco do meu desejo. Morena, olhos azuis, blusa um pouco transparente da mesma cor, saia preta justa logo acima dos joelhos. O meu trabalho normalmente depende dos infiéis. Esposas desiludidas e maridos ganhões. Dos infiéis e das profissionais. Aquelas que trabalham para garantir que não falte amor verdadeiro para quem pode pagar.

Tenho faro para saber exatamente o que um cliente quer assim que entra pela porta. Mas hoje parece que meu instinto tirou férias. Fora seu perfume inebriante, não sinto nada exalando da exuberante morena.

Entra desfilando seu corpo, juntamente com um súbito ar gelado que me causa um estranho arrepio. Indico uma cadeira. Senta cruzando as pernas. Exibo meu melhor sorriso e fico torcendo por uma cena igual à protagonizada por Sharon Stone em *Instinto Selvagem*. Para minha infelicidade, aquilo fica somente na imaginação.

Ela diz que precisa dos meus serviços. Falaram que sou o melhor detetive da cidade. Confesso que resolvi alguns casos. Outros não. Tenho dificuldade em disfarçar que estou babando por ela. Seu nome é Luciana. O trabalho que ela quer contratar é trivial: tem a sensação de que alguém está seguindo-a e quer que eu descubra o autor. Minha velha intuição me diz que isso é papo furado.

Já trabalhei em muitos casos inusitados e conheci muita gente estranha. Este parece ser mais um deles. Jogo de gata e rato. Mas os motivos devem ser os de sempre: dinheiro ou sexo. Ou ambos.

Ela entrega um cartão elegante. Telefone e e-mail em itálico. Luciana Dior Martins. Advogada. Anuncio meu preço. Adiantamento de mil, quinhentos por dia mais despesas. Ela concorda, abre a carteira e passa o dinheiro. Sua mão toca a minha de leve e sinto novamente aquele estranho calafrio. Ponho o dinheiro na gaveta, junto com o Taurus .38.

Ela levanta-se da cadeira e se dirige à porta, após uma leve piscadela. Sai. Fico lá um tanto desconcertado, tentando decifrar o que ela realmente quer. Alguns segundos depois, vou até a janela e fico observando. Nada da morena. aguardo mais um pouco. Nada. Será que o elevador está enguiçado? Continuo esperando e tudo que tenho é sua completa ausência. Repentinamente um Opala preto com rodas cromadas, manobra para sair da vaga.

Resolvo descer e almoçar no Ernesto, restaurante que fica no térreo do mesmo prédio. Está vazio. Pergunto para o Peixoto, o único presente, se viu quem entrou no Opala preto. Não viu nada. Nem Opala. Ele traz o cardápio e peço um penne à carbonara e uma taça de Malbec argentino bom e barato. O macarrão do Ernesto estava delicioso como sempre e o vinho ajudou a desanuviar a mente. Pago a conta e volto para o escritório.

Faço uma busca na internet, com as informações contidas no cartão. Sento ao computador e digito seu nome completo. Sem sucesso. Nada encontrado. Tento uma ligação telefônica e recebo a clássica resposta: este telefone está desligado ou fora da área de cobertura.

Recosto-me na cadeira alisando a barba. Pensamentos vagos. Dúvidas. O melhor a fazer é ir para casa, tomar um banho demorado e depois ir até o Bar do Dante, comer um petisco, tomar uma cerveja. Às vezes as respostas vêm quando menos se espera.

Vou ao bar, que com exceção do Cardinal, está vazio. Peço uma IPA. Ele vem equilibrando a cerveja. Para comer, sanduíche de mortadela. Devoro o sanduíche e mato a IPA em poucos minutos. Costumo ficar com fome quando os casos são enrolados. Pelo jeito, o atual nasceu todo emaranhado, parecendo um daqueles romances de lã usados para fazer tricô.

Mato a segunda IPA. Na metade do terceiro copo vejo o Opala preto passando na rua. Corro até a janela ao lado da porta. O Opala estacionou na quadra seguinte. Pago a conta e corro para o meu velho Maverick V8.

Entro no carro e espero alguma movimentação do Opala. Sem demora, manobra e arranca. Sigo de longe, para não levantar suspeita. Os carros cortam a noite gelada de Curitiba enquanto AC/DC com Highway to Hell toca nos alto-falantes do Maverick.

O Opala serpenteia pelas ruas até chegar próximo ao cemitério do bairro Alto da Glória. Estaciona. Faço o mesmo, alguns metros atrás. A luz é muito fraca, mas percebo quando alguém, vestido com uma capa preta, desce do carro. A distância e a escuridão não permitem distinguir seu rosto.

A silhueta se esgueira por uma ruazinha sem saída. Sigo-a de longe. Na penumbra, o vulto entra numa porta lateral, ao lado do grande portão. Corro até lá. A porta de ferro está chaveada. Se eu arrombar, fará muito barulho e a saída é pular o grande portão do cemitério.

Evidentemente, já estive em vários cemitérios, mas nunca à noite. Apesar de ser um cara durão, a sensação de ver aquelas lápides no escuro não é nada encorajadora. Uma coruja pia. Estremeço e xingo.

Sigo por entre as lápides. Silêncio. Continuo andando entre as sepulturas, até pisar no meu cadarço. Agacho-me para amarrá-lo. Ligo a lanterna do celular apontando para baixo, para não chamar a atenção. Começo a me levantar, ainda com a lanterna acesa. Observo a inscrição na lápide em frente. O corpo inteiro gela. Sensação de estar sendo esganado. Coração acelerado, querendo sair pulando do peito. Na lápide, cheia de musgo, consta o nome do defunto e os anos de nascimento e falecimento:

Luciana Dior Martins

*1940 +1970

Sinto alguém se aproximando pelas minhas costas. Um arrepio paralisante percorre o corpo. Uma mão gelada toca meu ombro. Sim, ela está ali. Linda como sempre, gelada como nunca.

Com um aceno de cabeça, sou convidado a segui-la. Andamos por aquele fúnebre labirinto. Após alguns metros viramos à direita. Há duas pessoas nos aguardando e, ao nos aproximarmos, reconheço-os: Peixoto e Cardinal.

Eles encobrem uma lápide. Se afastam, permitindo que eu a veja. A foto é antiga, mas reconheço a pessoa. Lembro, acima de tudo, do epitáfio que havia escolhido para minha própria sepultura: “Cuidado com o que você deseja”.

Acho que o inverno vai ser mais longo este ano em Curitiba.





Apresentamos o conto

No limiar das trevas

Por Maicol Cristian

SOBRE O AUTOR: NASCEU EM PALMEIRA DAS MISSÕES (RS), EM 1976. FORMADO EM ADMINISTRAÇÃO, COM ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESTRATÉGICA E CONTROLADORIA, RESIDE EM CURITIBA (PR) DESDE 2005. BANCÁRIO, GUITARRISTA AMADOR, FÃ DE LITERATURA POLICIAL, TERROR, FICÇÃO CIENTÍFICA E HQS. COMEÇOU A ESCREVER FICÇÃO EM MARÇO DE 2022.



Quando perguntam o que faço para sobreviver costumo dizer que forneço matéria-prima para Satanás. Sou um caçador de recompensas no velho oeste; não é uma tarefa fácil. Tem que estar sempre vigilante, seguindo bandidos de todas as espécies, sem saber como será o dia de amanhã. Mas, pensando bem, nenhum viajante desta grande nau, entre o céu e o inferno, tem o dom de prever.

Meu trabalho consiste, via de regra, em descobrir o paradeiro de assassinos e ladrões de cavalos, que por aqui parece ser o pior crime que um sujeito pode cometer. Depois, tem que perseguir o infeliz, prender e entregar à justiça, para o juiz mandá-lo para a forca. Outra opção é você mesmo fazer o serviço, entregando o defunto.

Pelo menos, assim deveria ser meu trabalho. Depois de alguns anos e muitas experiências ruins, mudei meu *modus operandi*. Chega de passar dias pelo deserto, seguindo rastros, até chegar a um lugarejo qualquer e descobrir que estou perseguindo o infeliz errado. Ou pior, levar chumbo, quando ele perceber que está sendo seguido. Estou cansado de tanto sofrimento.

Agora meu negócio é encontrar bandido morto, pegar o defunto, levar aos homens da lei e embolsar a grana. Também vale desenterrar bandido recém sepultado ou roubar o caixão do cortejo. No entanto, o modo mais perspicaz é ir ao velório, fazer-se de amigo do falecido, lacrimejar enquanto finge rezar, dar uma olhadela na eventual viúva e depois carregar a encomenda do capeta com caixão e tudo.

Pegar uma pá e começar a cavar, logo depois que todos deixam o cemitério, era uma prática saudável e rentável. Até o dia em que, embaixo de uma chuva torrencial, após muitas pás de terra, todo enlameado, descobri que o caixão estava cheio de pedras. O desgraçado fingiu morrer para escapar da forca.

Procura-se vivo ou morto. Todos os cartazes que coleciono, devidamente guardados no meu alforje, têm este título. Agora estou aqui, sentado na varanda do saloon do Joe Little Legs, com o olhar fixo na fisionomia impressa no cartaz que tenho em mãos. Jack Night Hunter tem um rosto comprido, exacerbado por olheiras profundas, grandes entradas na testa e orelhas proeminentes. Não tem erro. Vai ser fácil reconhecê-lo. As três mil pratas mais fáceis da minha carreira.

Mais cedo, enquanto bebia uma cerveja, ouvi os comentários da morte de Jack. Parece que a jovem esposa fez questão de preparar sozinha o cadáver do marido. Agora estava caindo a noite. Muito apropriado para alguém com o apelido de Night Hunter, obtido por

jamais cometer seus crimes à luz do dia. Trens, saloons, bancos. Nada escapava. Ninguém era obstáculo.

Já faz mais ou menos meia hora que o caixão está na igreja que fica em frente ao saloon e algumas pessoas começam a chegar, com exceção do padre. Jack, que nunca ficou muito tempo no mesmo lugar, estava há pelo menos um ano em Missiones. Fez alguns amigos no saloon do vilarejo, mas também inimigos, que sabiam do seu passado tenebroso.

Sobretudo, era muito popular entre as moças que prestam serviço no bordel da Derby, o que deixava sua esposa enfurecida. Pelo menos vinte anos mais nova que Jack, a cobiçada moça era apaixonada pelo quarentão. Quando surgiram algumas prostitutas mortas, chegaram a suspeitar da agora viúva. Mas, nada foi provado.

Cuspo o fumo que estou mascando, atravesso a rua e entro na igreja. A viúva, toda vestida de preto, está postada num canto, chorosa. Por enquanto, há poucas mulheres e alguns homens no local, estes de olho nela.

O caixão, para minha surpresa, está fechado. Lembro somente agora que não sei a causa da sua morte. Enquanto me pergunto se ele realmente está ali dentro, uma senhora minúscula, com véu na cabeça, chora copiosamente. Resolvo falar com o bigodudo ao meu lado.

— Ela é parente do falecido?

— Que nada. Ava chora em todos os velórios. Acho que nem conhecia o Jack.

Justamente quando ia perguntar como o sujeito morreu, as meninas do bordel da Derby entram pela porta da igreja. Olho para a viúva e jogo dez contra um que isso não vai acabar bem.

Parece que ela estava aguardando por aquele momento. Sem pensar duas vezes, inclina-se e puxa uma enorme faca que estava guardada embaixo da sua cadeira, escondida pelo seu vestido. Corre em direção às três moças, que agora estão ao lado do caixão.

— Vadias, agora vocês vão ver — grita, com os olhos em chamas. Nunca esqueça que as mulheres traídas são as mais ferozes. Com apenas um golpe certo abre o abdômen da moça mais à frente.

As vísceras projetam-se para fora do seu ventre e esbugalham-se no chão. A senhorinha que chorava, cai desmaiada. Ato contínuo, a viúva corta a jugular da segunda moça, que agora esguicha mais sangue que um porco sendo abatido.

Enquanto as poucas mulheres que estão no recinto saem correndo da igreja, a viúva projeta-se para cima da terceira moça, a mais alta delas. Acabam caindo sobre o caixão, derrubando-o e gerando um grande estrondo de madeira se quebrando.

De dentro do caixão salta algo que posso descrever como uma grande massa de pão, nua, disforme, toda inchada, com inúmeros pontos vermelhos pelo corpo. A imagem é repugnante.

Enquanto as duas lutam incessantemente, chegam quatro pistoleiros na porta da igreja, prontos para usar seus canhões. Jogo cinco contra um que vão crivar de balas algum desafeto e me joga para trás do altar. Ato contínuo, o cheiro de pólvora e os estampidos tomam conta do lugar.

Terminado o massacre, eles pegam seus cavalos e saem em disparada. Olho por cima do altar. Todos mortos. Com uma exceção. Aquela gigante massa disforme, agora rasteja, untando-se na enorme poça de sangue que a igreja se transformou, grunhindo algo ininteligível.

O padre, atrasado, está na porta, lamentando a redução do seu rebanho. Aproveito para me informar sobre minhas agonizantes três mil pratas.

— Do que ele havia morrido?

— Picadas de abelha. Centenas. Mas pelo jeito, só estava em choque e ela achou que o Jack havia batido as botas. Nem se deu ao trabalho de vesti-lo; a roupa não servia.

Irreconhecível. Jamais alguém diria que aquele era Jack Night Hunter. Sem chance de conseguir receber minha recompensa. Seria inócuo meter-lhe um tiro na cabeça. Viro as costas e vou embora.

Fornecer matéria-prima para Belzebu é fácil. Difícil é ser caçador de recompensas nesta terra sem lei.





Apresentamos o conto

Cerveja, bife e batatas fritas

Por Maicol Cristian

SOBRE O AUTOR: NASCEU EM PALMEIRA DAS MISSÕES (RS), EM 1976. FORMADO EM ADMINISTRAÇÃO, COM ESPECIALIZAÇÃO EM GESTÃO ESTRATÉGICA E CONTROLADORIA, RESIDE EM CURITIBA (PR) DESDE 2005. BANCÁRIO, GUITARRISTA AMADOR, FÃ DE LITERATURA POLICIAL, TERROR, FICÇÃO CIENTÍFICA E HQS. COMEÇOU A ESCREVER FICÇÃO EM MARÇO DE 2022.



O velho oeste é um lugar sangrento. Mas não acho isso de todo ruim, já que vivo de recompensas, obtidas por entregar bandidos procurados à justiça. Força. É isso que chamam de justiça por aqui.

Estou indo para o vilarejo chamado Missiones, onde espero encontrar Johnny Ugly, mandá-lo para os quintos dos infernos e receber a recompensa de cinco mil que estão pagando. Vivo ou morto.

Entrei nesta vida depois que minha família foi dizimada pelos apaches. Pai e mãe. Mortos e escalpelados. Sobrevivi por não estar em casa, quando o rancho em que morávamos foi atacado. Juras de vingança; que logo foram esquecidas. Afinal de contas, os índios até que fizeram um bom trabalho. Ali ninguém valia nada mesmo.

Assim comecei minha carreira: entregando os corpos de meus pais que eram procurados pelo xerife Samael. Vivos ou mortos. Uni o útil ao agradável. Mil por cabeça.

No caminho para Missiones encontro um corpo em decomposição sendo atacado por abutres. O fedor é intenso. Eles também fazem um bom trabalho. O maior deles acaba de afastar os outros com as asas. Arranca um grande naco de intestino e até parece rir, tamanha é sua felicidade.

Me aproximo. No bolso da camisa do defunto há um papel dobrado: “Johnny Ugly. Procurado vivo ou morto. Recompensa de cinco mil”. Sorrio. Estou no caminho certo. O defunto também estava, mas nossa caça foi mais esperta. Espero ter mais sorte.

Pelo jeito Johnny Ugly facilitou o trabalho das aves que agora se entregam com alegria e entusiasmo à tarefa de encher suas moelas. O sujeito foi completamente dilacerado. Curioso. Meu Colt nunca provocou tamanho estrago.

Volto a montar meu cavalo. Faltam duas horas para chegar em Missiones. Suor. Poeira. Uma crosta se forma na pele. Tudo que quero é um banho quente. Depois um enorme bife suculento, batatas fritas e uma jarra de cerveja. Feito isso, estarei pronto para acabar com a raça de Johnny Ugly.

Sigo pela planície. O sol está se pondo. Começo a avistar o vilarejo. O estômago reclama. As primeiras casas parecem abandonadas. Chego ao Majestic Hotel. Mesmas lorotas de sempre. Temos os melhores quartos da cidade, banho quente, o senhor não vai se arrepender. Pego a chave. Subo. O banho é morno. A cama é dura como uma pedra. Pelo menos não encontrei pulgas.

Primeira etapa cumprida, vou até o saloon do Joe Little Legs. Velho conhecido, o Joe é um barman japonês anão. Atende seus clientes em cima de um tablado que fica atrás do

balcão. Dizem que é mestre em artes marciais. Não sei se é verdade. Aposto dez contra um que sim.

Na varanda do saloon há um menino tocando uma gaita de boca. A última vez que ouvi aquela melodia foi no velho cabaré da Emily, em Montana. Ainda mais velhas que ele, eram as moças que lá atendiam. Feias. Desdentadas. Mas o que pode querer um pobre cowboy sujo, fedido e sem grana?

Peço cerveja, um grande bife suculento e uma montanha de batatas fritas. No saloon há mais cinco sujeitos. Quatro em uma mesa jogam poker. Na outra, uma aberração. Johnny Ugly. Ainda mais feio presencialmente. Está tomando uma cerveja. Pelos ossos em cima da mesa, ele comeu uma galinha inteira. Feio e grande.

Os sujeitos na mesa vizinha brigam. Alguém está trapaceando mais do que o outro. Um copo voa e acerta a cara de Johnny Ugly. O revide vem em seguida. Uma garrafa é lançada e acerta a cabeça de um deles. Joe Little Legs apenas observa.

Os outros três resolvem partir para cima do feioso. Sacam os canhões. Então o caldo entorna. Antes mesmo de puxarem os gatilhos, Johnny começa seu showzinho. Enormes garras saltam de seus dedos. Olhos esbugalhados e vermelhos. Imensos pelos emergem da pele. A boca cria um prolongamento, parecendo um jacaré. Dentes enormes e amarelos. O bafo pode ser sentido a dez metros de distância.

O primeiro sujeito molha as calças. Derruba o revólver. O segundo dispara. Erra. Trêmulo. Eu apenas observo. A cerveja do Joe é realmente boa. O terceiro pensa em atirar, mas o monstro salta e com apenas uma patada arranca seu braço. Sangue em profusão. Gritos de dor e pavor.

A confusão atrasa meu bife e minhas batatas fritas. Isso não é bom. Fico nervoso com fome. Enquanto o primeiro tenta recuperar o revólver que foi ao chão, o segundo acerta um tiro no ombro de Ugly. Ele apenas olha, como se um mosquito tivesse lhe picado.

O monstro crava suas garras no abdômen do atirador. Sem dificuldade as tripas são arrancadas. O homem desfalece. Mais sangue. O monstro pega as tripas do sujeito e começa a girá-las por sobre sua cabeça, como se fosse laçar um boi. O cheiro de merda, misturado com sangue e pólvora invade o ambiente.

Na confusão o revólver que havia caído foi chutado para longe. O feioso chuta a cabeça do terceiro sujeito, que está agachado tentando pegar sua arma. Cabeça arrancada. Sangue esguichando. A cabeça acerta Joe e acaba seu trajeto sobre o balcão, fitando-o.

Sigo tomando minha cerveja. Jogo cinco contra um que vou acabar este copo e ainda não fizeram meu bife. Minhas cinco mil pratas agora estão me encarando. As patas estão ensanguentadas. Os olhos ainda mais vermelhos. Uma espuma branquicenta escorre da sua boca dentuça. Sede de mais sangue no olhar.

A vida foi bela. Tive meus momentos. Penso. Mulheres. Bebida. Boa comida. Fome. Sede. Abstinência. Tive meus momentos. Saco o Colt. Engatilho. Farei minha parte. Acabarei com dignidade. Miro na cabeça do monstruoso Johnny Ugly. O feio.

Os milésimos de segundo passam como minutos. Sinto meu dedo mover-se lentamente, puxando o gatilho. Ele está a uns cinco metros. O projétil sai do meu revólver. O monstro desvia. E recebe uma voadora na cabeça.

No meu desespero não percebi. Joe Little Legs tinha subido sobre o balcão. O anão japonês lutador de caratê. O golpe derruba Ugly. Tenta uma patada em Joe. Erra. Joe é rápido. Joe é mau. Joe é mortal. Chute na cabeça do monstro. Ugly, caído, dá outra patada. O anão é arremessado longe.

O monstro está em pé. Jogo dez contra um que está mais nervoso. Seu orgulho foi abalado. Seu pulo é um voo sobre mim. Ouço um tiro de espingarda. O monstro cai sobre mim. Pesa mais de cento e cinquenta quilos. Sangue na minha cabeça. Na minha boca. Não consigo respirar com o peso sobre meu peito.

O sangue não é meu. Escorre da cabeça do monstro. Aparece o cozinheiro. Espingarda na mão. Avental engordurado. Me ajuda a tirar o feioso de cima de mim. Sento. Respiro.

A mesa é limpa. O cozinheiro volta para o fogão. O cheiro de carne e batatas fritas me entorpece. Mais uma vez, vou entregar a mercadoria e faturar cinco mil pratas. O menino volta a tocar sua gaita. Chega mais cerveja e um enorme prato. Uma montanha de batatas fritas e um bife suculento. Sangrento. Como o velho oeste.





Apresentamos o conto

Banquete de Natal

Por Marcela Fassy

SOBRE A AUTORA: NATURAL DE BELO HORIZONTE, GRADUADA EM HISTÓRIA PELA UFMG E ATUALMENTE RESIDE EM DIAMANTINA-MG. É AUTORA DO LIVRO ANIMAIS CINZENTOS (EDITORA VISEU, 2021), QUE TRAZ CONTOS SOMBRIOS/TERROR. TEVE SEU CONTO "O ENIGMA DO ROSÁRIO" PUBLICADO NA ANTOLOGIA UM CERTO ROSÁRIO (SEMPRE-VIVA EDITORIAL, 2019). TEVE OS CONTOS "A REUNIÃO" E "UMA OUTRA XANADU" SELECIONADOS PARA COMPOR A ANTOLOGIA AMOR FATAL (EDITORA CARNAGE, 2022). TEM COMO PRINCIPAIS REFERÊNCIAS A LITERATURA FANTÁSTICA LATINO-AMERICANA E OS CONTOS DE EDGAR ALLAN POE.



Quando Gilda K. chegou à Repartição, a grande mesa da sala de reuniões estava posta com toalhas de linho branco. Era dia da Confraternização de Natal. Gilda K. não gostava de Natal nem de confraternizações, mas comparecia sempre, porque os funcionários que não compareciam estavam sujeitos a sanções. Houve uma manhã de dezembro em que Gilda K. ligou para a Repartição dizendo que estava doente e que por isso não poderia comparecer à Confraternização de Natal. No dia seguinte foi chamada à Administração, e o Diretor informou-a de que seria sua tarefa polir os sapatos dos funcionários todas as manhãs até o final do mês.

Havia apenas doze pratos dispostos sobre a toalha de linho branco da grande mesa da sala de reuniões, e Gilda K. perguntou-se quem iria polir seus sapatos na manhã seguinte. Em seguida sentiu o cheiro do assado que vinha da Copa, e o Estagiário informou-lhe de que o Rapaz do Almoxarifado estava terminando de assar.

Gilda K. não compreendeu de pronto ou não se preocupou em compreender; em seguida ouviu a Gerente de Vendas comentar casualmente com o Administrador de Marketing sobre a Portaria nº1.666 e o disposto no Artigo I, Parágrafo Único, da indicação de membro da Repartição para compor a Comissão de Confraternizações Natalinas; o membro indicado deverá ser assado e servido aos demais membros da Repartição; a Comissão de Confraternizações Natalinas deverá, atendendo ao Princípio de Impessoalidade da Administração Pública, ser renovada anualmente. Diário Oficial da União, 13 de dezembro de 20xx. Revogam-se as disposições em contrário.

O Rapaz do Almoxarifado tinha olhos doces. Eram olhos de quem suportava grandes sofrimentos e ocultava de si próprio o fardo de grandes sofrimentos na esperança de sofrer menos. Pelo fato de o Rapaz do Almoxarifado ter olhos doces e alegres – não porque fosse alegre, mas porque a alegria injetada em seus olhos de fora para dentro era uma gentileza que oferecia ao mundo — estavam sempre lhe pedindo para ir à tinturaria buscar os ternos do Diretor, para ficar algumas horas depois do expediente a fim de exterminar os ratos do subsolo, para trazer do Almoxarifado pilhas de papel com um peso maior do que seus ossos estariam confortáveis para carregar.

Se o Rapaz do Almoxarifado não tivesse olhos doces, Gilda K. teria se incomodado com a Portaria nº1.666? Nada se sabia a respeito do Rapaz do Almoxarifado. O Diretor tinha filhos, crianças rosadas e cheias de prodígios; o Subdiretor tinha uma mãe idosa, que

precisava ser levada para consultas e urgências. Contavam-se mutuamente sobre os prodígios de uns e sobre as urgências da outra; felicitavam-se ou consternavam-se mutuamente conforme se tratasse de prodígios ou de urgências. O Rapaz do Almojarifado era somente o Rapaz do Almojarifado, e a ninguém ocorreria perguntar-lhe se tinha filhos ou mãe idosa, prodígios ou urgências. Uma vida privada é, antes de tudo, questão de hierarquias. Tudo o que se espera dos rapazes do almojarifado é que carreguem as pilhas de papel sem causar transtornos, e que estejam diligentemente aptos a serem assados e servidos durante as confraternizações de Natal.

Ao contrário do que se dizia pelos corredores, Gilda K. não era uma agitadora. Nada a inflamava mais do que o desejo da calma suavidade, de uma regularidade apaziguadora, uma ordenação a que pudesse, simplesmente, obedecer. Obedecer era tão elementar e tão sadio; Gilda K. estava ávida por obedecer. Por esse motivo rebelava-se constantemente contra as pessoas que davam as ordens, porque aplicavam-se em criar ordens impraticáveis e impossíveis de serem obedecidas.

Rebelava-se, por extensão, contra aqueles que obedeciam às ordens, por motivos de inveja: possuíam uma habilidade que a ela lhe faltava. Quando farejou, portanto e pela última vez, o cheiro do assado e a habilidade de seus colegas de Repartição sendo exercida em todo o seu esplendor, permitiu que a inveja e o cansaço a conduzissem por um caminho sem volta.

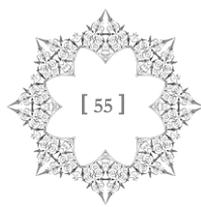
Postou-se à cabeceira da grande mesa da sala de reuniões. Observou os rostos atônitos dos que se sentavam à sua volta. Observou a louça branca e os talheres de estanho que reluziam os rostos atônitos à sua volta. Pôs-se a discursar longa e exaltadamente sobre as injustiças do mundo, sobre a exploração da classe trabalhadora, sobre o acúmulo de capital, sobre a indignidade de se assar rapazes de almojarifado e servi-los sobre toalhas de linho branco.

— Além disso, concluiu, vocês se esquecem que a Portaria nº1.666 dispõe que a Comissão de Confraternizações Natalinas deverá ser renovada anualmente. Os próximos a serem assados serão vocês.

— Não necessariamente, disse o Administrador de Marketing. Sua voz era tranquila; sua habilidade saltava por detrás das lentes grossas de seus óculos de aro negro – Não

precisamos esperar até o próximo Natal.

Todos se levantaram de seus assentos, empunhando seus talheres de estanho e trinchando as facas com grande habilidade. Seus olhos flamejavam e seus lábios salivavam ante o aroma inebriante do assado que vinha da Copa, ante o sangue latejando dentro dos corpos reunidos na sala de reuniões. A última coisa que viu Gilda K. foi seu próprio olhar atônito refletido nos olhares habilidosos e no estanho polido das facas que se aproximavam.





Apresentamos o conto

Ritos da Anátema Primal

Por Ney Alencar

SOBRE O AUTOR: NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. POSSUI 106 CONTOS PUBLICADOS EM 31 E-BOOKS E EM 37 ANTOLOGIAS. POSSUI 03 ROMANCES PUBLICADOS.



“Cruel é o Deus-Horror!”

Livro Negro de Apostasia

O monólito erguia-se por entre os galhos retorcidos e nus das árvores murchas marcando os limites da entrada daquela letal necrópole subterrânea.

Alguns metros após abria-se em um barranco um portal de pedra polida com estranhos símbolos e grifos, destinados a afastar os incautos e curiosos que ali viessem, e cuja garganta negra seguia solo adentro.

O calçamento de pedra iniciava-se ali e estendia-se por toda a necrópole, exibia um ar de desuso e um limo ralo crescia sobre ele.

Do interior chegava um ar repulsivo e úmido de coisas mortas e esquecidas e logo nos primeiros metros via-se nas paredes portas abertas de túmulos ainda novos e abandonados.

Após surgiam velhas portas fechadas com símbolos estranhos e fúnebres como os que marcavam a entrada da necrópole.

Percorrendo seus corredores frios e sepulcrais podia-se notar que nas paredes de pedra nascia uma vegetação luxuriante sob as formas mais indescritíveis, rostos deformados de longas barbas e olhos lúgubres e partes de corpos de criaturas além da imaginação, que nasciam pelas paredes e arrastavam as hastes e ramos pelo chão como uma cobertura viva e exalavam um odor acre e miasmático que misturava-se ao ar parado daquelas galerias tornando-o irrespirável.

No centro da horrída cidadela viam-se luzes bruxuleantes de velas nuas que rompiam a escuridão sobrenatural e ao dobrar-se uma esquina chegava-se ao mais horrendo dos sítios daquele lugar, o centro das catacumbas onde se realizavam os pérfidos ritos das primeiras maldições e onde os sacerdotes do Horror reuniam-se para suas invocações obscenas aos seu inumano deus demônio!

Um altar circular de pedra erguia-se no centro do portentoso salão, com duas colunas ladeando-o, uma ao norte, vermelha, e outra ao sul, branca, de onde desciam ramagens repugnantes que desenhavam as mesmas figuras de seres inimagináveis sobrevividos e anteriores ao alvorecer longínquo de toda a raça humana.

Ao leste afastado do altar via-se a enorme e abissal boca de um poço cortado na pedra bruta e preta de cujo interior vinham sons abafados como se lá no fundo a água que havia se movesse viva em contorções sonolentas e fétidas.

Em frente às colunas e ao altar estava o sumo-sacerdote, hierofante dos secretos ritos, vestido de carmim em cuja fronte se via estampado o símbolo do Horror negro, um olho multifacetado que tudo via.

Ao seu redor se dispunham diversos outros sacerdotes alguns trajando mantos vermelhos e outros túnicas verde-musgo escuras.

Estes traziam nas mãos desnudas objetos de natureza mórbida e estarrecedora.

O primeiro deles portava um cutelo de cabo negro embainhado em um pequeno corpo de um recém-nascido decapitado.

Outro trazia uma copa em cujo interior viam-se miolos da pequena vítima que exalavam uma excrescência repugnante sobre a qual cresciam fungos efervescentes e amarelados.

Outro trazia um manto encharcado com o sangue da vítima ainda quente.

O quarto carregava envolto em um manto negro o crânio limpo e polido do recém-nascido, que brilhava ao ser tocado pela luz das velas sob as dobras do manto.

O quinto e último dos sacerdotes trazia um pequeno monólito negro em cuja superfície batiam e perdiam-se todos os reflexos de luz do terrível salão.

O sumo-sacerdote ergueu as mãos e agitando os dedos num débil balé macabro sibilou pelas membranas do orifício bucal palavras tão antigas e perversas como a própria essência da necrópole e virando-se para o primeiro sacerdote tirou de suas mãos o pequeno corpo e prostrou-o sobre o altar.

Dispôs então ao redor dele um círculo de sangue e com o manto cobriu o corpo.

Espalhou ao redor do corpo os miolos colocando a copa ao lado norte deste, retirou o crânio do manto que o envolvia e colocou-o sobre o pequeno corpo tendo as cavidades oculares voltadas para o oeste, onde se encontravam os sacerdotes, recitando entre gorgolejos e sibilos novas evocações malditas.

O último sacerdote colocou o pequeno monólito entre as colunas do lado leste do altar, em frente ao poço, sussurrando uma canção de palavras amorfas e os seis afastaram-se formando uma corrente viva em torno do altar e ainda cantando aquela música sobrenatural.

Após alguns minutos de silêncio nos quais os ecos das palavras e sons ainda reverberavam pelas paredes da hedionda necrópole, sob o solo escutou-se um vago e gelatinoso barulho como se alguma monstruosidade blasfema subisse pelas bordas abscondidas do poço.

Os sacerdotes afastaram-se e prostraram-se de joelhos no portão oeste que dava entrada para o salão, voltaram temerosamente seus olhos para a boca profunda do poço de onde surgia nesse momento um núcleo de pavor onírico que adoravam com o próprio nome do Horror!

Evolou do poço uma vaporosa luz amarelada que afigurava-se como uma nuvem opacamente efervescente que borbulhava e ondulava, quase que toda feita de olhos, lupinos e fungosos, que dissolviam-se em uma névoa e se contorciam putridamente.

Ao tocar o teto de pedra das catacumbas a coisa começou a liquefazer-se e iniciou um alvoroço frenético na direção do altar.

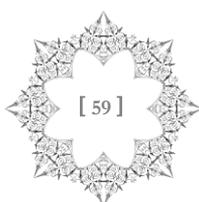
O ar tornou-se irrespirável pelos vapores hórridos e venenosos exalados pela efervescência e ao tocar o monólito veio do interior do poço um rugido medonho que ecoou durante alguns segundos pelas imensidões da grotesca necrópole.

Foi então que garras gotejantes e em decomposição surgiram por entre a névoa amarelenta e tragaram o corpo e todos os objetos deixados ao redor do mesmo, com exceção do pequeno monólito negro.

Aos poucos aquele hálito infernal recolheu-se novamente ao interior de sua alcova maldita nas profundezas abissais do poço e o silêncio voltou a reinar no interior daquelas hórridas e nefandas catacumbas.

Os sons de uma nova e ímpia canção começaram a ecoar pelo salão e os sacerdotes abomináveis retiraram-se daquela ciclópica e fabulosa necrópole subterrânea!

Sozinho o Horror voltou a adormecer e a sonhar!





Apresentamos o conto

A Lâmia

Por Ney Alencar

SOBRE O AUTOR: NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. POSSUI 106 CONTOS PUBLICADOS EM 31 E-BOOKS E EM 37 ANTOLOGIAS. POSSUI 03 ROMANCES PUBLICADOS.



“Sua cabeça era de serpente, mas ah, agridoce!

Ela tinha a boca de uma mulher com todas as suas pérolas completas.”

John Keats, Lâmia

1905. Praia Preta.

A floresta à beira mar estava cheia de sombras enquanto o sol dançava sobre as copas das árvores naquela tarde quente de verão.

As gaivotas gritavam agitadas enquanto mergulhavam tentando pescar os peixes fugidios por entre as ondas que batiam nos rochedos.

A areia preta cheia de dióxido de ferro e titânio era como um tapete macio estendendo-se por toda a lonjura da praia.

Não havia pegadas por ali a não ser as das gaivotas.

Uma estrada estreita de terra batida margeava a costa, entre a floresta e o mar, serpenteando devagar desde os limite de Recife Velho e seguindo para o norte em direção às vastas e desérticas Terras do Leão do Norte!

Não havia muitos viajantes por ali.

Diziam que a estrada e as terras em derredor era assombrada por um fantasma.

Ninguém nunca o havia visto. Ninguém que sobrevivera para contar que o vira.

Muitos foram os que se perderam por aquela estrada.

João das Bíblias não ligava para nada daquilo, era homem de Deus! Homem de Fé!

Não acreditava em fantasmas, nem assombrações, nem em lobisomens ou mulas sem cabeça!

Nada o assustava... bem... talvez a mulher, uma portuguesa de pele branca que ficava vermelha quando estava com raiva ou zangada com ele.

Dessa ele se pelava de medo! E fugia o tempo todo, não parando em casa senão poucos dias por mês.

Era mascate e essa desculpa lhe granjeava semanas viajando pelas partes mais distantes do país.

As várias dezenas de anos que arrastava nas costas pesavam pouco diante das distâncias que percorria, pois João amava caminhar pelo mundo.

Parou por um momento para limpar o suor da testa e puxou o cabresto da velha mula e do cavalo gasto que traziam suas quinquilharias.

Tomou um gole de aguardente. Estava quente já.

Olhou para a praia deserta da ponta d uma pedra na estrada.

O vento salgado do mar bateu-lhe no rosto trazendo uma sensação de liberdade. Súbito o sol escondeu-se atrás de uma nuvem negra e ele viu outras juntando-se pelo horizonte do meio do mar formando uma tempestade.

Às vezes elas vinham do mar profundo e batiam na costa, eram bonitas e terríveis de se ver. Ele arrumou o chapéu.

Desceu da pedra e açoitou o cavalo e a mula, tinha pressa agora.

Não queria pegar a tempestade naquela estrada, não tinha onde se abrigar.

A farinha, o açúcar e o sal que trazia iam ficar molhados e podiam se estragar.

Desceu uma ladeira para uma baixada onde a mata se aproximava quase se debruçando sobre a terra batida da estrada em um caramanchão escuro e cheio de sombras.

Já estava quase entrando no lugar quando um vento frio veio de dentro das sombras e trouxe-lhe um odor ruim, de coisa morta e estragada.

João das Bíblias se persignou três vezes!

Não era um bom augúrio aquilo não!

O cavalo resfolegou e a mula recusou-se a entrar no caramanchão.

João amarrou os cabrestos num arbusto e entrou sozinho.

As sombras ali eram mais densas e o sol não chegava, havia apenas a escuridão e um ciciar estranho que fazia sua pele se arrepiar inteira.

Ele deu dois passos e parou, um terror horrível se apossou dele, seus pés pareciam de chumbo e seu coração pulou assustado dentro do peito.

Nunca sentira nada daquilo antes.

Já caminhara sozinho por montanhas e estradas vazias em noites mais escuras do que aquele lugar, mesmo assim nunca tivera medo de nada.

Nem dos cantos assombrados da mãe da lua, nem dos gritos dos cajaguréus ou dos piados estranhos do uirapuru.

Nem canto de rasga-mortalha lhe assustara, quando ouvira o bicho certa vez lá no meio das terras depois da Floresta do Encantado.

Um piado distante de garça branca repercutiu com um eco frouxo pela mata, vindo da beira da praia e fez o homem pular de susto.

Ele riu sozinho, assustado com o próprio medo. Nunca ficara assim.

Uma coruja do mato piou mais perto e ele pulou de novo. Desatou a rir.

Estava ficando mole, que era isso? Se assustando com o canto dos pássaros?

Voltou e puxou o cavalo e a mula e começou a atravessar o caramanchão.

Ali as árvores eram mais densas e fechadas por uns quinhentos metros, como uma touceira de mata que se derreara para chegar na areia da praia.

João ouviu o pisar barulhento dos cascos dos animais ressoando naquele lugar fechado.

Só dava pra ver a luz do sol na entrada e na saída, o resto ficava tudo dentro da barriga da escuridão, como uma noite fechada.

Súbito um vulto moveu-se lá dentro da mata.

O mato estalou e um galho caiu com estardalhaço provocando um barulhão.

O cavalo se assustou e quase saiu correndo, a mula estacou de novo.

João parou ao lado do cavalo e coçou a cabeça dele, viu o suor de medo escorrendo da testa do bicho, o coração do pobre estava pulando dentro do peito quase como o dele.

O ciciar aumentou e veio se aproximando de onde ele estava.

Puxou os animais para que apressassem o passo, não queria saber o que era aquilo que vinha pra sua direção não!

Podia ser onça e ele não tinha a carabina nas mãos, tinha deixado guardada dentro da arca nas costas da mula. Não imaginava que fosse precisar da arma.

Andou mais um pouco e a mula tornou a estacar, estava transita de terror, as pernas do animal tremiam e ela respirava forte.

Um silêncio intenso cercou o lugar e apenas o som do sangue bombeando em seus ouvidos era plenamente ouvido.

Depois veio um arrastar de galhos e afastar de folhas dentro da mata, havia uma brutalidade anormal naqueles sons.

João viu um vulto grande movendo-se por entre os troncos das árvores e pelo meio dos arbustos, se aproximando dele quase sem fazer barulho.

Súbito um vento forte bateu sobre as copas das árvores bem no lugar onde estavam e abriu um buraco na folhagem densa, por um momento apenas, mas foi o suficiente para que João pudesse ver aquilo que vinha de encontro à ele.

Era a coisa mais horrenda e aterrorizante que jamais vira!

O medo tomou conta dele de uma forma avassaladora, a sanidade ruiu naquele ínfimo momento, mas ainda conseguiu jogar as arcas de cima do cavalo e montando disparou para fora daquela touceira de mata fechada, rindo de forma desvairada.

Jamais conseguiria esquecer a face aterradora que surgira naquele lampejo de luz do sol, no descerrar das cortinas da imaginação.

Uma amálgama de horror que superou tudo o que já havia imaginado sobre fantasmas e outras criaturas da noite e que acabou devorando o que lhe restara de sanidade!

O rosto era felino, sinistro, os pelos dourados cobriam a face de mulher, o nariz porém, achatado como o de um leoa era negro, uma vasta cabeleira arredia descia em cachos dourados e fulvos, o busto firme e rosado era belo, os mamilos eretos e amarronzados, o resto do corpo era como o de uma pantera.

Garras grandes e luzidias vinham nas patas dianteiras que marcavam os troncos das árvores, a pelagem dourada como a de uma leoa selvagem fulgiu naquele momento, a boca abriu-se naquele ciciar fantasmagórico e os dentes alvos surgiam afiados despontando nos lábios carnudos.

Mostrando uma fome blasfema e insaciável!

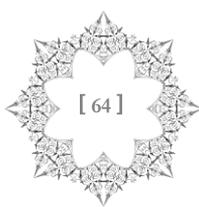
A coisa irreal olhou em sua direção e por um ínfimo momento seus olhares se cruzaram, havia uma imensa malignidade naqueles olhos cor de mel, de tal forma que a pressão que exerceu sobre o pobre homem foi cruel e esmagadora roubando-lhe a sanidade!

Todas as certezas que possuía em sua mente simples foram destruídas e tudo o que lhe restou foi a loucura e a devassidão daquela visão sinistra.

Com os frangalhos de vontade que lhe restavam montou no cavalo e fugiu, mas não poderia fugir jamais daquilo que agora habitava dentro dele.

Um trovão ribombou para os lados do horizonte no meio do mar e a tempestade caiu como um dilúvio lavando a face da terra assombrada.

Quando passou a chuva, o cavalo, mancando, chegou na próxima vila, mas sobre sua sela encharcada estava apenas o corpo do alocado João das Bíblias, sua alma ficara para trás, perdida nas garras famintas da Lâmia!





Apresentamos o conto

A Lenda do Rio de Ouro

Por Ney Alencar

SOBRE O AUTOR: NATURAL DE RECIFE-PE. RADICADO EM OSASCO DESDE 2013. PROFESSOR, PINTOR E PSICOPEDAGOGO. MEMBRO DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LITERATURA BRASILEIRA Nº 0596. POSSUI 106 CONTOS PUBLICADOS EM 31 E-BOOKS E EM 37 ANTOLOGIAS. POSSUI 03 ROMANCES PUBLICADOS.



1859, Fazenda do Poço dos Patos.

O velho índio Caxiúna terminou de esquentar o café e sentou-se com a caneca fumegante na beira da fogueira. Ao seu redor uma dúzia de homens feitos esperavam, como meninos pequenos, impacientes e curiosos para que ele começasse a história.

O índio tomou um gole do café, amargo, sem açúcar. Seus olhos pretos e brilhantes correram pelo rosto dos mateiros e caçadores que o esperavam. Rostos marcados pelas intempéries e pelas cicatrizes das matas por onde passaram e viveram boa parte das vidas.

Olhou para a escuridão das matas ao redor, as silhuetas pretas das árvores eram como pessoas, paradas, ouvindo, e o vento que soprava parecia o respirar de um animal gigantesco, esperando! O índio saboreou o café e escolheu as palavras:

— Foi Antônio Moreno, aquele mateiro que vivia na Fazenda Onça Pintada que ouviu de um boliviano recém-chegado na vila sobre um rio lá para as bandas das matas virgens depois da Serra da Ariabá, além da serra do Cipó, dizia que a areia da margem era dourada com o pó de ouro que tinha no rio e que dentro das águas dava pra ver pepitas grandes como a mão de um homem igual ao Borba ali no canto. — contou ele marcando o compasso das palavras com os gestos das mãos ossudas.

A vila ficou em polvorosa e logo um grupo se formou para ir conferir a história do boliviano. O próprio Antônio Moreno ia conduzir, junto com o filho Sebastião, meninote ainda, quase chegado nos quinze. O chefe seria o doutor Alfredo Barbosa de Nóbrega, caçador feroz que já havia cruzado armas com índios e espanhóis e já caçara quase todo tipo de animal que existia naquelas paragens. Ele levava seus dois filhos, Pedro e Paulo, o sobrinho Baltazar e o irmão Adamastor. Uma resta de escravos e dois índios catequizados que se chamavam Arauí e Coabutã. Mais gente não se fazia necessário. Se encontrassem o tal rio de ouro que o colombiano contara, conforme o mapa que fizera para o doutor Alfredo, então viriam outras gentes.

Saíram uma manhã de terça, rindo e folgando, afeitos com a ideia da fortuna do rio de ouro. Passaram as fazendolas que cercavam a vila e entraram nas terras da Fazenda Anta Gorda, ao lado da Serra do Jacarará, hoje tem outro nome e seu tamanho é enorme, mas na época ainda era pequena e seu dono, o doutor Januário era avô do atual Barão de Suassuna. Dali subiram pelos rios pequenos que desciam da serra e chegaram à parte virgem da mata. Os índios iam junto com o mateiro e o filho na cabeceira da bandeira.

lam com cuidado porque aquela parte da mata era área de caça do Mapinguari, bicho faminto e cruel que poderia dizimar a bandeira num só encontro.

Dos três dias que levaram para cruzar a área foi só no terceiro, lá pelo fim do dia, que ouviram os gritos do bicho, longe, lá pro norte, gritos altos, soltos e curtos, horríveis.

Não era grito conhecido por nenhum da bandeira, os escravos estavam estarrecidos.

Antônio sabia que aquilo não era Curupira, nem Anhangá, era coisa tihosa que nunca vira, decidiu se afastar o mais que podia. Trataram de apressar o passo.

Cortaram pelo topo da serra, mais seguro, e foram sair num dos lados da Serra da Ariabá, lugar deserto e agreste, em cujas terras nem os índios viviam porque diziam que era lugar assombrado, ruim mesmo. Só não sabiam com o que. Não tinha lendas dali.

Nem Arauí nem e Coabutã sabiam o que vivia naquela parte das matas.

Naquela parte da serra desceram para a vertente leste e começaram a procurar o tal rio dourado. Foi uma semana que passaram palmilhando toda a terra daquele lado da serra.

Os dias eram chuvosos e as noites escuras como breu.

As fogueiras que acenderam no acampamento não iluminavam direto aquelas trevas selvagens que teimavam em cobrir tudo.

Na primeira noite uma grande onça pintada, faminta e de olhos vermelhos pegou e devorou o cão mastim do doutor Alfredo, sumiu sem deixar rastro.

A segunda noite os assaltou o medo da mata!

Foram acordados de madrugada pelas vozes fantasmagóricas de meia dúzia de mães-da-lua que cantavam ao derredor do acampamento, atraídas pela luz bruxuleante das fogueiras, disseram os índios, sem muita certeza na voz.

Antônio nunca tinha visto aquilo de bando de mães-da-lua, se arrepiou todo.

As vozes fantasmais assustaram a resma de escravos e de manhã quando Antônio os procurou descobriu que todos, com exceção de um que mal conseguia se mover de tanto medo, todos haviam fugido.

Deles não se ouviu mais falar e não entram em nenhuma outra história.

Uns dizem que foram engolidos pelas matas, sempre famintas de gente! Outros que o Mapinguari os pegou, não se sabe. Fato é que o grupo ficou bem menor. Continuaram explorando a região.

Dois dias depois, Paulo, filho do doutor Alfredo foi picado por uma Boituva, cobra miserável e peçonhenta, e todos acharam que ali era o fim da empreitada.

Mas o doutor Alfredo, homem feroz e duro, não se deixou abalar, disse que só saia dali com a fortuna do rio dourado!

Outros dois dias depois, quando o rapaz fechou os olhos por causa do veneno tinoxoso da cobra, acharam o tal rio, no sopé norte da serra.

O rio descia dos cabeços da serra em corrente turbulenta, suas margens eram de uma areia amarela, pardacenta, bem fina na qual misturava-se um pó dourado que a fazia brilhar como se fosse de ouro. Trouxeram o acampamento para perto da margem, próximo ao lugar onde enterraram o rapaz!

A noite foi chuvosa e sem lua, parecia que as portas do céu estavam todas abertas e uma imensidão de água lavou as matas.

Foi noite tumultuada, pois ouviram o quebrar de galhos e o barulho de bicho em torno do acampamento depois da meia-noite, bicho grande. Não viram nada.

Na manhã seguinte as margens do rio pareciam ainda mais cheias de pó dourado, mas o mateiro descobriu que o último escravo havia sumido.

Foram achar o corpo do pobre diabo na outra margem do rio, os ossos todos quebrados e sem os olhos!

Os dois índios persignaram-se e se afastaram sussurrando palavras estranhas que Antônio não compreendeu. Foi ter com o doutor Alfredo. Estava assombrado!

Disse que nunca tinha visto coisa horrenda daquelas e que era mau sinal, que tinham que sair dali. Toda a expedição estava marcada pela má sorte!

O doutor Alfredo, zangado, disse que não iria sair dali, tinha perdido o filho e não iria embora de mãos abanando. Queria a fortuna do rio de ouro!

Sua ganância era maior que seu medo!

Na manhã seguinte descobriram que os dois índios haviam sumido. Não foram mais vistos. Restavam agora apenas Antônio, o filho, o doutor Alfredo e seu filho e o irmão e o sobrinho. Começaram naquele dia a garimpar o ouro da margem com bateias.

Era tanto que no fim da tarde já tinham conseguido juntar quase um quilo.

Os olhos do doutor Alfredo brilhavam de cobiça, mas ele queria mais!

Àquela noite, porém, tudo desmoronou! Foram dormir cedo, estavam exaustos.

Perto da meia-noite Antônio foi acordado por um barulho do lado de fora da barraca.

Escutou! Eram passos. Levantou-se sem fazer barulho e espiou.

Era o doutor Alfredo e o filho, estavam pegando sacos e pás. Foram na direção do rio. Antônio os seguiu de perto. Era noite sem lua!

Estava escuro como breu, ele os viu com o pequeno lampião seguindo à frente.

A luz abrasava a escuridão e esta se afastava como se estivesse viva.

Por duas vezes Antônio julgou ver pontos luminosos, como olhos, que o observavam de dentro da mata escura. Seguiram até uma parte funda do rio, um remanso afastado da corrente principal. Ali o reflexo da luz na água fazia brilhar coisas no leito do rio.

Pedro entrou na água e mergulhou, voltando com uma daquelas pedras, era grande como um ovo de avestruz e brilhava dourada como ouro.

O doutor Alfredo guardou a pedra em um dos sacos e o rapaz ia voltar para pegar outra quando tudo aconteceu! Antônio ouviu um sibilado rouco vindo da margem do rio.

Duas bolas de fogo bailavam na escuridão atrás deles, foi então que se deu conta que eram dois grandes olhos amarelos opalescentes, com pupilas estreitas e negras raiadas de dourado.

Os olhos de fogo de uma gigantesca cobra, como nunca antes haviam visto.

O resto do corpo perdia-se na escuridão, mesclava-se à ela como se dela fizesse parte.

Uma parte viva e faminta! A grande cobra sibilou e deu o bote.

Aterrorizado Antônio viu quando ela abocanhou Pedro enrolando-se nele e tragando-o para dentro do rio. O doutor Alfredo gritou e entrou na água atrás do filho.

A cobra voltou, saindo da água como se estivesse misturada a ela como antes estivera à escuridão! Seus olhos terríveis voltaram-se para o doutor Alfredo, mesmerizando-o.

Antônio podia sentir o poder horrendo daquele olhar e foi com grande luta que sua vontade venceu e ele conseguiu ficar escondido. O doutor Alfredo não teve a mesma força. Caminhou lentamente para dentro das fauces vermelhas da cobra com passos relutantes até desaparecer naquele buraco absconso.

A cobra mergulhou no rio silenciosamente, como se nunca houvesse estado ali.

Antônio, tremendo de frio e medo, correu de volta ao acampamento.

Acordou os outros e fugiram! Não poderiam ficar naquele lugar assombrado. Voltaram fugidos pela mata! O velho índio deu um suspiro.

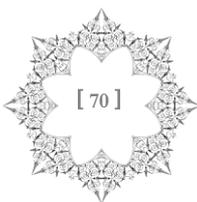
— Eu estava lá quando voltaram! Era molecote ainda, nem dez anos tinha, mas me lembro de tudo como se fosse hoje. Apenas Antônio e o filho saíram da mata, as roupas rasgadas, famintos e sujos. Disseram que Adamastor e o sobrinho haviam se perdido.

Poucos acreditaram em Antônio quando ele contou sobre a assombração que levava o doutor Alfredo e o filho e guardava o rio de ouro!

— Mas eu sei que é verdade!

O velho Caxiúna deu uma pausa e apontou para as matas distantes:

— Porque eu também já vi o Boitatá!





Apresentamos o conto

Monstruosidade Interior

Por Roberto Schima

SOBRE O AUTOR: NETO DE JAPONESES, NASCIDO A 01/02/1961. AGRACIADO COM O "PRÊMIO JERÔNIMO MONTEIRO", PROMOVIDO PELA "ISAAC ASIMOV MAGAZINE" (ED. RECORD). CONTEMPLADO NOS CONCURSOS "OS VIAJANTES DO TEMPO" E "OS TRÊS MELHORES CONTOS", AMBOS PELA REVISTA DIGITAL CONEXÃO LITERATURA, COM A QUAL COLABORA DESDE O Nº 37. ESCREVEU: "LIMBOGRAPHIA", "O OLHAR DE HIROSAKI", "SOB AS FOLHAS DO OCASO", "CINZA NO CÉU" ETC. O CONTO "AO TEU DISPOR" FOI PREMIADO NA ANTOLOGIA "CROCITAR DE LENORE" (ED. MORSE). INFORMAÇÕES: GOOGLE. CONTATO: RSCHIMA@BOL.COM.BR.



A bruxa.
O dragão.
O ciclope.

O vampiro.

O fantasma.

O lobisomem.

A serpente marinha.

Criaturas assustadoras!

Era noite.

Esses seres fabulosos e tantos outros mais se encontravam no alto da colina. Sem palavras, observavam o desenrolar do conflito mais abaixo.

Nuvens de fumo elevavam-se às alturas. Explosões ensurdecedoras se sucediam e iluminavam os arredores. Torrões de terra eram atirados em todas as direções juntamente com estilhaços, deixando enormes crateras na paisagem intensamente devastada. Além do odor da fumaça, da terra úmida e da pólvora, chegava às narinas dos monstros o cheiro inconfundível da morte. Milhões de corpos jaziam no terreno pantanoso: homens, mulheres, idosos, crianças. Inteiros ou esquartejados. Frescos ou em decomposição. Violentados. Mutilados. Mudos. Frios.

O conflito prosseguia sem sinal de trégua. Mais e mais civis e combatentes eram conduzidos ao moedor de carne da guerra, fazendo aumentar o lodaçal de vísceras.

O vampiro estreitou os olhos e foi o primeiro a falar. Embora não tivesse se alimentado, o fedor de sangue, em vez de lhe despertar o apetite, causou-lhe náuseas.

— Que horror!

— Os corpos não param de se acumular — acrescentou o lobisomem.

Apesar de se alimentar de carne humana, a exemplo do *strigoi*, o homem-lobo ficou repugnado.

A bruxa se remexeu, incomodada.

— Os homens da cruz queimavam minhas irmãs por serem solitárias e fazerem chá de ervas. Eles serviam ao Mal que fingiam combater.

— Caçavam-me por nada — disse a serpente marinha. — Só para provar que existo.

O dragão, encontrando afinidade na companheira coberta de escamas, acenou afirmativamente no alto de seu longo pescoço, emitindo fumarolas escarlates.

— Odiavam minha espécie — resmungou o gigantesco ciclope — apenas por odiar.

— Temiam-me porque não me conseguiam destruir — murmurou o fantasma. — E por verem em mim seu futuro além do umbral.

Outros seres extraordinários teceram comentários semelhantes.

O vale abaixo era um cenário de destruição inimaginável.

Redemoinhos de fogo dançavam através das casas.

Figuras em chamas corriam em mares de dor.

A fumaça subia, maculando as estrelas.

A Lua assistia em fria melancolia.

Acima do rumor da batalha, em um raro intervalo entre os tiros, as granadas e os mísseis, um choro de criança foi ouvido. A seguir, se sucedeu um disparo. Silêncio. E o conflito recomeçou imerso em fúria irracional. Uma cidade outrora próspera e magnífica agora não passava de um punhado de escombros, chamuscado e empoeirado.

Um grifo não suportou a apatia:

— Por que não fazemos nada?

Kushisake Onna, o terrível espectro de mulher com a boca rasgada, respondeu por todos:

— Porque temos medo!

Foi uma declaração tão incrível de ser pronunciada quanto surpreendente em sua verdade mais íntima. Pois os monstros nada mais eram do que criações do imaginário humano, personificações de suas próprias invirtudes e do mal que representavam. Servos de suas vilanias, mas, também, de seus temores.

Obuses descreviam arcos de parábola de um lado a outro.

Baionetas perfuravam com metal rijo a carne macia.

Metralhadoras pipocavam milhares de projéteis.

A terra outrora cheia de vida era regada de morte. Gemidos e prantos misturavam-se a impropérios inundados de ódio, desesperança, nacionalismos, preconceitos e crueldade.

O fantasma se manifestou, tremulando ao vento tal qual um véu translúcido ou a bruma de um outono que jamais partiu:

— A quem atacaríamos? A quem defenderíamos? Quem é o Bem e quem é o Mal? Quem é o branco e quem é o negro naquelas almas cinzentas lá embaixo?

O ogro, quase tão grande quanto o ciclope, ergueu seu punho. Falou:

— Mas se nada fizermos, estaremos nos nivelando a eles!

O trol discordou:

— Pelo contrário. Se participarmos daquela infâmia, tornar-nos-emos iguais aos homens!

— Não somos homens — protestou o grifo —, somos monstros!

O lobisomem, não obstante seu aspecto de fera, olhar preso à carnificina que se desenrolava sob o luar, sussurrou ao vento:

— Enquanto criação dos homens, somos parte deles.

— Pois eu rejeito isso! — gritou o dragão. — Nada tenho de humano.

— Sou humana por imposição, não por opção — lamentou a bruxa.

Finalmente, o diabo se fez ouvir. E todos se calaram diante da voz de eternas labaredas:

— Criaram a mim como a suprema manifestação do Mal, um modo de atribuírem a um terceiro o verdadeiro mal a habitar seus corações. Assim, justificaram seus atos e os tormentos que infligiriam a outros. Como aquilo! — apontou um dedo vermelho para o horror no vale. — E o demônio sou eu?

Tímido, o fantasma disse em sua tênue figura:

— Entrementes, há homens bons.

O diabo sorriu num esgar, exalando enxofre.

— Gotas de perfume em um balde de excrementos.

Progressivamente, a discussão se fez acalorada. Ânimos se exaltaram. Ressentimentos e raiva afloraram. Quando estavam prestes a repetir no topo da colina aquilo que se sucedia abaixo, o dragão fez soprar suas chamas e bradou num agitar de asas:

— Vejam!

Todos convergiram suas atenções para o local apontado.

Os remanescentes dos homens munidos de suas armas, marchavam aclive acima.

A múmia, incrédula, ergueu um dos braços envolto em bandagens.

— Vão nos atacar!

Todos tremeram, sem saber qual atitude tomar.

Lutar?

Fugir?

— Os monstros não somos nós! — gritou o trol.

— Para ser bom de coração — falou o ciclope, piscando seu único olho —, primeiro, é necessário ter coração.

O lobisomem, arreganhando os dentes para a horda que se aproximava, rosnou:

— Se somos cria dos homens, o que somos neste instante? E se não passarmos de personagens de uma crônica escrita por mãos humanas?

O vampiro exibiu seus caninos aguçados.

— Transcendental, meu caro. Se assim for, que possa o autor enxergar, acima do espírito crítico, sua própria hipocrisia e, talvez, aprender algo com isso. Que ele decida a atitude a tomar!

Todos assentiram, enquanto o que restara da humanidade prosseguiu colina acima. Os verdadeiros monstros. As verdadeiras criaturas assustadoras.

Sem solidariedade.

Sem compaixão.

Sem altruísmo.

Sem bondade.

Sem empatia.

Sem caráter.

Sem futuro.

Sem amor.





Apresentamos o conto

Nonatrix - O Parto das Trevas

Por Sandro Andrade e Faber

SOBRE OS AUTORES:

SANDRO ANDRADE: MESTRE EM ARTES VISUAIS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, SANDRO É ILUSTRADOR PROFISSIONAL E DEDICA-SE A SEUS PROJETOS AUTORAIS EM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E LITERATURA FANTÁSTICA.

INSTAGRAM: @SANDROANDRADEARTE

FACEBOOK: SANDROANDRADEARTE

E-MAIL: SANDROANDRADEARTE@GMAIL.COM

FABER: FABRÍCIO LIMA É MESTRE EM ARTES VISUAIS PELA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL), ONDE TRABALHOU COM HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA O ENSINO LÚDICO DE MATÉRIAS EXATAS, DESBLOQUEIO DO DESENHO INFANTIL E DISCUSSÃO DE GÊNERO. DESENHISTA AUTODIDATA, FOI PRODUTOR INDEPENDENTE DE QUADRINHOS, QUE SE ENCONTRAM DISPONÍVEIS NA PÁGINA "TERRA FABER" DO FACEBOOK. ATUALMENTE, DESENVOLVE O UNIVERSO LITERÁRIO DE HORROR E FICÇÃO DE "NONATRIX", JUNTO AO AMIGO E FANZINEIRO SANDRO ANDRADE.



Nádia não está louca.
Disso, ela tem a dolorosa certeza.
Loucura seria um bálsamo, um oásis em uma vastidão de pura agonia.

Mas talvez, Nádia esteja morta.

Ou quem sabe, suspensa num entreposto entre a vida e a morte. Imersa em um êxtase de horror. Sua alma tão destroçada quanto sua carne.

Hipnotizada, ela contempla o olho maligno.

Involuntária e violentamente, a jovem arremessa a nuca para trás. Filetes de sangue escorrem de seus pontos lacrimais. Algo estala em sua epiglote. Ela força as cordas vocais, mas som algum se projeta.

A criatura à sua frente permanece inerte como uma estátua. Mas o terceiro olho sombrio, localizado em sua glândula pineal, pulsa como o próprio coração das trevas, abrindo as portas do horror mental para Nádia.

As fronteiras do espaço-tempo esfacelam-se.

Na boca da jovem, o gosto de sangue mistura-se com a lembrança de chocolate, doces e luzes de neon. Cacos de infância desabrocham em desolação e Nádia é uma criança novamente.

A solidão entre as bonecas e os livros. Sempre as melhores notas. Sempre aluna destaque da classe. Sempre a vencedora das feiras de ciências. O que buscava? Reconhecimento? Provas de sua capacidade de superação? Aprovação e amor de seus pais, emigrados do Japão?

Mais cacos de memória rasgam a realidade e Nádia é uma adolescente. Faculdade de medicina. Lá encontrou o propósito ideal para esconder sua solidão sob o verniz da eficiência científica, do esforço e da dedicação que fizeram de si a mais jovem e conceituada geneticista do Brasil.

Agora, porém, a doutora Nádia Sadako é um mero brinquedo nas mãos da criatura.

Estruturas da realidade são rasgadas.

Partículas da matéria são desarticuladas pelo medonho ser, que a própria doutora Nádia batizara de Nonatrix. E a mulher da ciência, que se dizia atea, agora quer gritar aos céus pela ajuda de Deus. Mas, e se Deus for somente mais dor?

O corpo da jovem está arqueado para trás, em uma configuração anatômica impossível para um ser vivo. As mãos retesadas como garras, a coluna prolongada ao extremo, as

pernas dobradas, porém rijas, como se a mulher tivesse se tornado uma grotesca árvore ressecada. Sua boca escancaradamente aberta fluindo sangue em excesso.

Os olhos pálidos e sem íris de Nonatrix permanecem inexpressivos enquanto que o negrume ébano do terceiro olho conduz a doutora a níveis mais profundos de pesar.

Extensões calcificadas e pontiagudas, semelhantes a galhos retorcidos, se projetam das tíbias da cientista, transformando uma bela jovem em uma pintura de horror que destoia do cenário laboratorial onde está.

Recém-chegado à grande sala do laboratório, um cientista de meia idade também já se encontra açoitado pelas violentas ondas psiônicas de Nonatrix. Em uma comunhão de sofrimento, ele é tragado para o mesmo pesadelo de insanidade que Nádia.

Seu nome é Vítor Mojica.

Psiquiatra mais proeminente do Brasil e maior autoridade em parapsicologia da América Latina, Mojica se destacou na comunidade científica por suas pesquisas em “Frequência Vibracional Extradimensional”. Tais conceitos postulam a possibilidade de desvelar e acessar muitas outras dimensões diferentes da nossa. Com financiamento do exterior, Vítor pôde criar um laboratório altamente equipado, montar uma equipe científica de elite e aprofundar suas investigações.

Assim nasceu o *Projeto Vórtex*.

Nove dimensões diferentes da nossa foram mapeadas. Uma frequência vibracional extremamente poderosa da Nona Dimensão foi sintonizada nesse processo. Os cientistas conseguiram o feito extraordinário de “capturar” e “importar” tal forma de energia incorpórea para nossa realidade.

Julgando que tal frequência fosse energia extradimensional bruta e passível de manipulação, Mojica impôs-se a tarefa de criar um corpo físico para a entidade. Procedimento este que deveria ficar sob a responsabilidade de um profissional com um currículo à altura.

O desafio ficou a cargo da jovem e ambiciosa geneticista Nádia Sadako.

Após muitas tentativas fracassadas de engendrar um corpo capaz de abrigar a obscura frequência, a cientista obteve êxito com um corpo feminino gerado a partir de um híbrido de manipulação genética, tecido artificial, material celular cultivado *in vitro* e diversas amostras de ectoplasma extradimensional da Nona Dimensão. Inebriado com os avanços

científicos da jovem Nádia, Mojica rompeu limite após limite da ética sob a qual erigiu os primeiros anos de sua prodigiosa carreira.

Neste momento ele sabe que foi longe demais.

Ele quer desviar o olhar da criatura, mas não consegue.

Encarar a face da Deusa das Trevas é um convite ao desabrochar de coisas apodrecidas.

Sob o jugo físico e psíquico de Nonatrix, o parapsicólogo vê suas pernas se tornarem raízes de uma estética grotesca. Sangramento nasal. Unhas deformadas projetam-se de seus dedos.

Com a migalha de livre arbítrio que lhe é permitida, o desesperado psiquiatra crava as unhas em torno de seus globos oculares e rasga a carne para, por fim, arrancar os próprios olhos e assim não mais contemplar a face da criatura.

Mojica grita.

Grita absurdamente, enquanto segura nas mãos seus próprios olhos ensanguentados.

O ar se torna ainda mais pesado.

A criatura move um pouco a boca, como se fosse falar. Mas apenas deixa à mostra seus dentes finos e pontiagudos.

Seis seguranças do laboratório entram na grande sala central do Projeto Vórtex e abrem fogo contra o ser bestial. Os ferimentos em Nonatrix têm danos reduzidos em eficiência, devido à sua bizarra condição existencial. Agoniada e furiosa, ela emana ondas vibratórias de intenso poder paranormal.

Os agentes de segurança têm suas anatomias reconfiguradas e enrijecidas. Massas petrificadas de carne, dentes, e extensões ósseas vertem sangue e exalam sufocação.

Uma pequena floresta de carne que grita seu arrependimento mudo para um monstro que, ironicamente, sofre mais do que todos eles.

Lânguida, extremamente alta, com apenas três longos e esqueléticos dedos em cada mão.

Três também são seus seios, ao invés dos dois originais. E duas orelhas pontudas se abrem como chifres duplos de cada lado da cabeça.

Trazida ao mundo da carne, tornada carne em um invólucro de carne, Nonatrix se auto induz mutações físicas para transformar e renegar o belo corpo que recebeu.

O ser inominável deixa a sala principal do Projeto Vórtex e se depara com seus filhos natimortos.

Sêmen humano fora utilizado em tentativas de fecundação da criatura enquanto ela ainda se encontrava em estado de coma.

Conservados em frios tubos de contenção, jazem essas aberrações geradas da violação inescrupulosa a que os seres de carne chamam de ciência.

Num grotesco espetáculo, os cabos de silício e eletrodos rebentados dançam epiléticos em sua cabeça, nutrindo-se dos fluxos energéticos de um mundo intraduzível para a criatura e emanando frequências vibracionais igualmente estranhas a esse mundo.

Seus imensos olhos brancos incham.

O terceiro olho em sua testa pulsa.

Ela sabe que está próxima de seu último algoz.

Aquele cujo veneno da corrupção espalhou-se como câncer em toda a equipe de Vórtex.

Aquele que contaminou com ganância desenfreada os postulados científicos de Mojica.

Aquele que chantageou e ameaçou Nádia para obtenção de resultados mais rápidos.

Aquele que humilhou toda a equipe do Projeto.

Em nome do dinheiro.

Em nome da sede de poder.

Em nome da dominação sem fim.

A Deusa obscura estilhaça a vidraça da mais importante sala nas dependências do laboratório. Atrás de uma mesa, um homem antes imponente, se encolhe como um mendigo em uma noite de inverno. Seu terno escuro se destaca à frente da bandeira norte-americana que tanto ostentou para desprezar os cientistas brasileiros. Afinal, sem o financiamento dos Estados Unidos, Mojica jamais teria levado a cabo suas pesquisas. Sem o envolvimento de setores militares e paramilitares dos EUA, o Projeto Vórtex seria apenas o sonho irrealizável de um cientista do Brasil. Sem a agressiva coordenação pessoal do arrogante físico militar Jason Cronenberg, Nonatrix não existiria no plano físico.

Mas ela existe.

Existe e o terceiro olho em sua fronte vibra medonho, atingindo os centros nervosos do físico norte-americano. Jason Cronenberg sente seu abdômen se retorcer. Músculos, fibras e tecido adiposo se misturam se forma horrenda, surreal. A dor ultrapassa as fronteiras do absurdo. Ele vomita os próprios testículos. Rins são deslocados de seu lugar original, passeiam nervosos pelo corpo, abrem passagem à força onde não há, atingem o esôfago, depois a garganta até saírem pela boca e ficarem suspensos por nervos como pêndulos de um relógio antigo. Olhos, ouvidos, ânus e narinas também são utilizados como passagem para os órgãos internos, expurgados para fora do corpo de Jason Cronenberg. O físico norte-americano é literalmente virado do avesso como se fosse um boneco de pano.

O desenho final de seu martírio é a mais dantesca árvore humana de ossos, carne e gordura banhados em sangue abundante.

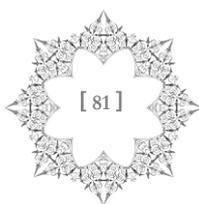
Nas costelas invertidas e calcificações pontiagudas que emulam galhos, estão seus órgãos vitais, pendurados como frutos em um pomar da brutalidade.

Na teia de vingança extradimensional do monstro, todos se debatem como moscas e sofrem em uníssono. Jason, Mojica, Nádia, os agentes de segurança. Suas dores e suas memórias como uma só, com cada qual incapaz de dizer onde termina o seu próprio ser e começa o do outro. Almas desnudas, uma perante a outra, durante o esfolamento de suas próprias existências quânticas.

A silhueta expressionista de Nonatrix afasta-se. Sua barriga exhibe marcas e cicatrizes dos processos recentes de cesariana. Em sua cabeça calva e albina, exceto pelos cabos metálicos implantados, pode-se ver refletidas as luzes dos sistemas e maquinários do Projeto Vórtex que piscam agora de acordo com uma estranha cadência rítmica.

Em algum lugar da cidade de Pelotas, uma criança nasce com duas cabeças. Em uma cidade vizinha, todos os membros de uma mesma família são acometidos de fatídica hemorragia cerebral. Sons de helicópteros e sirenes tornam-se mais fortes.

Os cabos na cabeça da Deusa ainda dançam. Não mais convulsivos e caóticos, mas ordenados e letais como serpentes ansiosas pelo bote.





Apresentamos o conto

A criatura sem alma

Por Thame Jones

SOBRE A AUTORA: ESCRITORA INICIANTE, 31 ANOS, SOCIAL MEDIA E ETERNA APAIXONADA PELO UNIVERSO MISTERIOSO, SOMBRIO E ENCANTADOR DAS CRIATURAS SOBRENATURAIS.



— **E** aqui estamos novamente, meu caro! Gostaria muito de entender a estranha criatura que é você. Me daria o privilégio de saber dessa vez?

Perguntou, enquanto descia as escadas, fixando os olhos no homem que estava encostado na parede, acorrentado pelas pernas e mãos. O lugar parecia ser um calabouço, um tanto frio e escuro. Ele segurava um candelabro, mas pouco se podia ver na imensa escuridão.

— Eu? — Riu. — Sou apenas um pobre e miserável homem, assim como você, Jonathan.
— Respondeu-lhe, enquanto erguia a cabeça lentamente, com os fios longos e escuros caindo sobre seu rosto, e esboçava um fino sorriso ao canto dos lábios.

Ele parou em frente ao homem e abaixou-se lentamente, até ficar de joelhos no chão úmido, passou o fogo diante de seu rosto e fixou o olhar no dele, o mesmo que já o encarava atentamente.

— Não sou essa pessoa, Daniel. Assim como você também não é esse homem que diz... sabemos muito bem disso. Porque acha que está aqui, preso, com as mãos acorrentadas, nesse lugar perdido no meio do nada? Hm? — Jonathan dizia, enquanto se aproximava do homem um pouco mais.

— Por que você possui fetiches com homens de cabelos compridos, presos em seu calabouço? — Ele respondeu, gargalhando ironicamente.

— Ora, não seja idiota! — Irritou-se, afastando-se de Daniel, mas permanecendo abaixado em sua direção. — Não acho que a criatura que rasgou a garganta da minha irmã e bebeu seu sangue como um animal feroz que abate a sua presa sem piedade e como um psicopata, porém cavalheiro, que toma uma taça de vinho depois de um assassinato cruel, me faria ter qualquer tipo de desejo sexual por ela. Não concorda?

Daniel sorriu, encostando a cabeça na parede e ergueu o rosto, olhando para o teto.

— O que quer que eu diga, rapaz? Tem certeza que deseja continuar essa conversa? Receio que não aguentará até o final e acabará tentando me matar antes mesmo que eu explique quem eu sou. — Disse-lhe, enquanto seu rosto, ainda coberto pelos longos fios de cabelo, voltava-se para encarar o rapaz.

— Eu aguento. Não se preocupe com isso! Já o alimentei durante sete dias, ainda que não como você gostaria, mas estaria em pior estado, se assim eu quisesse, acredite! Então, não, não quero matá-lo... tenho outros planos para você. — Disse-lhe, calmamente, enquanto se acomodava no chão, ansioso para ouvir sua história.

— Ah, "o bom doutor"! Vocês são sempre os mais curiosos ao meu respeito. — Daniel sorriu, irônico. — Porém, já te aviso de antemão que o que eu sou nada tem a ver com a medicina. Talvez seja melhor trazer um demonologista ou um padre da próxima vez que vier me visitar. — Revirou os olhos, balançando a cabeça negativamente.

— E como sabe que não sou um desses? Posso ser um padre também, não? Afinal, não são eles que perdoam até mesmo as piores almas que residem nessa terra e clamam por misericórdia para seus irmãos? — Perguntou, erguendo uma das sobrancelhas. — Exatamente como estou fazendo com você, tendo piedade ao deixá-lo viver.

— Não, Jonathan. Não seja tolo! Se fosse mesmo qualquer um desses, já teria percebido, logo ao me ver pela primeira vez, que eu não possuo alma alguma. — Fixou o olhar no dele, direcionando-lhe uma piscadela, e esboçou um largo e malicioso sorriso.

Jonathan franziu o cenho, cerrando os punhos, enquanto encarava o olhar negro e profundo de Daniel. Aquele olhar que parecia devorar a sua alma aos poucos e ler a sua mente como nenhuma outra criatura já havia feito. Os olhos verdes claros de Jonathan estavam cada vez mais furiosos e até mesmo amedrontados com o que estava por vir.

— Poderia me ajudar a retirar esses fios de cabelo do rosto, por favor? — Daniel respirou profundamente.

Um tanto desconfiado, Jonathan ergueu a mão em sua direção e afastou os fios de cabelo, descobrindo o rosto do homem. Não porque estava fazendo um favor, mas sim porque estava curioso ao seu respeito. E finalmente podia vê-lo: pele branca, quase pálida, rosto triangular e queixo fino e pontudo.

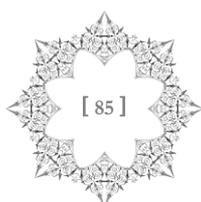
Enquanto Jonathan estava distraído analisando cada detalhe da criatura, em um súbito movimento, Daniel segurou firme em seu pulso e agarrou seu pescoço. Havia se soltado das correntes e esperava o momento certo para atacá-lo. Ergueu Jonathan pelo pescoço e o jogou contra a parede, virando seu rosto para o lado e o esfregando na pedra.

— Não brinque comigo, Jonathan! Esse sarcasmo não combina com você e esse jogo não funciona comigo. — Dizia, enquanto se aproximava do pescoço do rapaz e o cheirava abruptamente, como um lobo faminto. Jonathan respirava pesado, se sentindo sufocado, e suava frio, mas ainda assim tentava de todas as maneiras não demonstrar medo. Seus olhos estavam furiosos e ele se contorcia, tentando escapar. Daniel o encarou novamente, apertando ainda mais seu pescoço e, com um sorriso vitorioso e maligno, rosnou, afundando as presas longas e afiadas no pescoço do rapaz. Fios de sangue escorriam aos cantos dos lábios de Daniel, enquanto ele se deliciava com seu momento de glória. A expressão furiosa de Jonathan se esvaía, seus olhos se fechavam e já não lutava mais contra o homem.

— Seu... maldito! — A voz fraca do rapaz ecoava pelo calabouço, enquanto Daniel apoiava o corpo em seus braços e o deitava lentamente no chão. Ainda curvado sobre ele, o deixou na pedra fria e, finalmente, se desvencilhou de seu pescoço. Passou a língua nos próprios lábios e suspirou, fechando os olhos e aproveitando o gosto do sangue que lhe trazia a vida. Abriu os olhos novamente e encarou Jonathan, que o olhava tonto e perdido. Deitou-se calmamente ao lado de seu corpo quase desfalecido, aproximou-se de seu rosto e sussurrou em seu ouvido.

— Quer saber quem eu sou, Jonathan? E por que possuo esse imenso desejo de sugar seu sangue até ouvir a última batida do seu coração? Vou te mostrar com todo prazer e, sim, será a melhor experiência da sua vida... ou da sua morte. — Com as pontas finas de suas presas, Daniel rasgou seu próprio pulso e o apertou entre os lábios do rapaz, fazendo-o beber seu sangue.

— Beba, meu querido! Beba o líquido da vida imortal e torne-se um de nós! Eu, você e sua bela irmã, que nos vê ali daquela escada agora, vamos tomar um bom drinque e conversar sobre mim ou... Você, agora, e a eternidade.





Apresentamos o poema

Criaturas em mim...

Por Clayton Alexandre Zocarato

SOBRE O AUTOR: POSSUO GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM HISTÓRIA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO CENTRAL PAULISTA (2005) - UNICEP - SÃO CARLOS - SP, GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA PELO CENTRO UNIVERSITÁRIO CLARETIANO (2016) - CEUCLAR - CAMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - SP.. ESCREVO REGULARMENTE PARA O SITE WWW.RECANTODASLETRAS.COM.BR USANDO O PSEUDÔNIMO ZACCAZ, MESCLANDO POESIA SURREALISTA, COM HAIKAIS E ALDRAVIAS.

·EMAIL: CLAYTONALEXANDREZOCARATO@YAHOO.COM.BR

·INSTAGRAM: [CLAYTON.ZOCARATO](https://www.instagram.com/clayton.zocarato)

·FACEBOOK: [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/CLAYTON.ZOCARATO](https://www.facebook.com/clayton.zocarato)

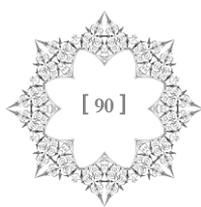


Tudo se tornou vago...
O amor virou um terror...
Um sentimento etileno...
Obsceno...
Demônios da saudade...
Invadem meu quarto...
Com um aparato de sombras...
Rondando o infinito do antigo menino...
Queria voltar a ter seu sorriso...
Em noite cheias de drinks...
Queria ter novamente seu requinte...
As criaturas libidinais, dentro de mim...
Submergem para seu olhar...
Queria voltar a te abraçar...
Nesse eterno amaldiçoar...
Como um querubim carente...
Mas demente...
Entro em um consciente reluzente...
Fico doente...
Empalidecendo bons costumes...
Que viram armadilhas mortais...
A obsessão...
Por um pouco de sua paixão...
Essa criatura de amarga lembrança...
Cresce dentro do meu peito...
Oh! Eterno tormento...
Providencie-me novos adágios corporais de Vênus...
Cheio de pecados...
Deixo algum recado para o acaso...
Vou dançar com a criatura dentro de mim...
No invisível de madrugadas frias...
Contendo uma carne imaginária...

Que não vale nenhum denário...
As minhas lágrimas trilham caminhos sinistros...
Esse demônio insiste em não querer ir embora...
Embora eu goste de sua presença...
Ele é feito de dor...
Que um dia foi um grande amor...
A flor da lembrança...
Torna-se a raiz da desesperança...
Em mim...
O teu eu...
É um eterno sofrer...
Você se fez criatura...
Eu me fiz seu inventor...
Repito diacronias existenciais...
Em torrenciais lampejos...
De perdições banhadas em tentações...
Que por meio de desgraças sentimentais...
Fortalecem...
Uma sinistra figura de saudade...
Mas não quero exorcizar isso...
Quero aprender a conviver, com essa indecência...
Vou bailar com sua morte presencial...
E recriar você em meus pensamentos...
Por entre as trevas de sua partida...
Tudo se faz mais garrido...
Atrevido...
Fazendo-me de iludido...
Mas é bem divertido...
Saborear o sangue do arrependimento...
Em não ter sugado sua volúpia...
Durante luas delirantes...
Entrevendo olhos de diamantes...
Que nos fariam...

Eternos amantes...
A sina de sempre tentar assassinar...
As criaturas dentro de mim...
Que vagam...
Por entre mortuários...
Desvios de conduta...
Que fazem turbilhões...
De um amor...
Que ao mesmo tempo...
É um terror...
Com um gosto amargo...
De desamparo...
O nosso amor e a minha dor caminham juntos...
Contendo um amaranto...
De esperança...
Por pujanças...
De desvios de racionalidade...
Sepultando minha mente...
Para uma adoração...
Inefável de sua imagem...
Em meu aposento de vazio...
Procuro por entre sobras noturnas...
Do que um dia...
Foi sua presença doce em minha vida...
Que se transformou...
No medo de continuar a te amar...
E assim jurar...
Que vou assassinar-te...
A cada nova valorização...
De uma mimésis neurológica...
Em querer copiar...
O que já não existe mais...
Mas que para sempre...

Vive dentro de mim...
Como um sacrilégio...
Em implorar...
Para que essas criaturas dentro de mim...
Possam, se libertarem...
Do seu claustro...
Que é meu holocausto...
Procuro novos preceitos...
Para que meu peito seja leve...
E abençoado...
Por entre frios...
De uma ternura...
Que se, refez em amargura...
As criaturas dentro de mim...
Cantam dores, com o badalar do relógio...
É lógico!
Que assim como elas...
Cada “**eu**” distorcido...
Em minha personalidade pequenina...
Sonha com aquela eterna menina...
Que se transformou...
Em uma aflição...
Com pouca comoção...
Contendo muito medo...
E desespero...
A cada novo pensar...
As criaturas em mim...
Fazem um novo despedaçar...
No meu amar....



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI